

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE

Sabrina Ferreira Pereira

ENTRE A CASERNA E O HOSPITAL:
uma reflexão sobre a identidade profissional dos alunos do curso de enfermagem da
Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias

Rio de Janeiro

2012

Sabrina Ferreira Pereira

ENTRE A CASERNA E O HOSPITAL:
uma reflexão sobre a identidade profissional dos alunos do curso de enfermagem da
Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias

Dissertação apresentada à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Educação Profissional
em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César França
Lima

Rio de Janeiro

2012

Catálogo na fonte

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Biblioteca Emília Bustamante

P436e

Pereira, Sabrina Ferreira

Entre a caserna e o hospital: uma reflexão sobre a identidade profissional dos alunos do Curso de Enfermagem da Escola de Saúde do Hospital Marcílio Dias / Sabrina Ferreira Pereira. - 2012.

83 f.

Orientador: Júlio César França Lima

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

1. Enfermagem. 2. Identidade. 3. Identidade Militar. I. Lima, Júlio César França. II. Título

CDD 610.73

Sabrina Ferreira Pereira

ENTRE A CASERNA E O HOSPITAL:

uma reflexão sobre a identidade profissional dos alunos do curso de enfermagem da
Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias

Dissertação apresentada à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Educação Profissional
em Saúde.

Aprovada em 21/12/12

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio César França Lima - FIOCRUZ / EPSJV / LATEPS

Prof. Dra. Filippina Chinelli - FIOCRUZ / EPSJV / LATEPS

Prof. Dra. Tania Cristina Franco Santos –UFRJ / EEAN

Prof. Dr. Gustavo Corrêa Matta- FIOCRUZ / EPSJV / CCPG

*Dedico este trabalho aos meus pais, Nilza e
William; a minha irmã, Simone; ao meu
filho Guilherme e ao meu esposo Rodrigo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em minha vida.

Aos meus pais William e Nilza, pelo exemplo, dedicação e apoio em todos os meus projetos.

A minha irmã Simone, minha grande amiga e incentivadora.

Ao meu esposo Rodrigo, amor de todas as minhas vidas, pelo amor, companheirismo e paciência.

Ao meu filho Guilherme, luz da minha vida, por ter me permitido usar parte do meu tempo na dedicação a esta pesquisa.

Aos meus amigos, por terem entendido as minhas ausências e me fornecido o apoio necessário.

As minhas amigas e companheiras de trabalho na Escola de Saúde, pelo incentivo e pelas discussões que me foram úteis na elaboração desta pesquisa.

Aos meus queridos alunos que gentilmente aceitaram participar deste estudo.

Aos membros da minha banca examinadora, pelas valiosas contribuições que fizeram para este estudo.

Ao meu orientador Júlio César que contribuiu de forma segura e generosa para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, colegas de curso e profissionais da secretaria da pós-graduação que de forma direta ou indireta contribuíram para este estudo.

RESUMO

Trata-se de um estudo que teve como objeto a identidade profissional dos alunos militares que ingressam no curso de enfermagem na Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD). O objetivo foi analisar o processo de construção da identidade a partir da identificação dos elementos identitários envolvidos nesse processo, bem como das concepções dos alunos sobre a identidade profissional do auxiliar de enfermagem militar. Optou-se por uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando-se a entrevista semi-estruturada como técnica de coleta de dados. Foram entrevistados 09 alunos do curso de Aperfeiçoamento em enfermagem. No tratamento dos dados utilizou-se a análise de discurso com uma adaptação da proposta de Bardin (1988). Verificou-se que os alunos se encontram na faixa etária de 29 a 31 anos, com uma média de 11 anos de serviço militar e 5 anos de serviço na enfermagem. Emergiram dos discursos seis categorias 1-A carreira militar e seus significados 2- O contexto militar permeando a escolha e atuação profissional na enfermagem 3- Como vivem e falam sobre a condição de pertencerem a uma profissão historicamente feminina 4-Ser enfermeiro e as relações familiares 5- As perspectivas na vida profissional 6- A identidade utilizada no cotidiano. Concluiu-se que a identidade militar é o aspecto mais marcante na vida dos entrevistados, sendo a enfermagem vista como uma especialidade dentro da carreira militar, a enfermagem foi uma prioridade de escolha dentre os cursos oferecidos pela Marinha devido às vantagens de não embarcar e por ser um serviço menos braçal. Os fatores como estabilidade e segurança surgem como pontos positivos da carreira militar e não existem conflitos por pertencerem a uma profissão majoritariamente feminina, pois o ambiente militar é predominantemente masculino, o que os deixa em uma posição confortável.

Palavras-Chave: Enfermagem. Identidade. Identidade Militar.

ABSTRACT

This is a study that aimed at the professional identity of students who enter the military nursing program in the School of Health from Marcilio Dias Naval Hospital (HNMD). The objective was to analyze the process of identity construction from the identification of identity elements involved in this process as well as the student's conceptions about the professional identity of nursing assistant military. We opted for a qualitative research approach, using a semi-structured interview as a technique for data collection. We interviewed 09 students of Improvement in nursing. In data processing, we used discourse analysis with an adaptation of the proposed by Bardin (1988). It was found that students are aged 29-31 years, with an average of 11 years of military service and 5 years of service in nursing. Discourses emerged from six categories 1-A military career and their meanings 2 - The military context permeating the choice and professional practice in nursing 3 - How they live and talk about the condition of belonging to a profession historically female 4- Being a nurse and family relations 5 - The outlook for jobs 6 - The identity used in everyday life. It was concluded that the military ID is the most striking aspect in the lives of respondents, being seen as a nursing specialty within the military, nursing has been a priority of choice among the courses offered by the Navy due to the advantages of not embarking and be a less menial service. Factors such as stability and security emerge as strengths of military and there is no conflicts because they belong to a profession mostly female because the military environment is predominantly male, which leaves them comfortable.

Keywords: Nursing. Identity. Military Identity.

LISTA DE SIGLAS

ABEN	Associação Brasileira de enfermagem
AP-EF	Aperfeiçoamento em enfermagem
CMNRJ	Centro Médico Naval do Rio de Janeiro
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
ESP-EF	Especialização em enfermagem
HNMD	Hospital Naval Marcílio Dias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - A CASERNA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR	23
1.1 - A CARREIRA MILITAR	23
1.2 - A IDENTIDADE MILITAR	26
1.3 - A TRAJETÓRIA NA CARREIRA MILITAR	30
CAPÍTULO II - REFLETINDO SOBRE A IDENTIDADE PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM	33
2.1 - A ENFERMAGEM COMO PROFISSÃO - ALICERCES HISTÓRICOS.....	33
2.2 - CONSTRUINDO A IDENTIDADE DA ENFERMAGEM	41
2.3 - O TRABALHO E A IDENTIDADE PROFISSIONAL	49
CAPÍTULO III - A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS ALUNOS	52
3.1 - A CARREIRA MILITAR E SEUS SIGNIFICADOS	53
3.2 - O CONTEXTO MILITAR PERMEANDO A ESCOLHA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA ENFERMAGEM	59
3.3 - COMO VIVEM E FALAM SOBRE A CONDIÇÃO DE PERTENCEREM A UMA PROFISSÃO HISTORICAMENTE FEMININA	66
3.4 - SER ENFERMEIRO E AS RELAÇÕES FAMILIARES.....	69
3.5 - AS PERSPECTIVAS NA VIDA PROFISSIONAL	70
3.6 - A IDENTIDADE UTILIZADA NO COTIDIANO	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista	81
APÊNDICE B - Aprovação do Comitê de Ética	82
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	83

INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é analisar o processo de construção da identidade profissional dos alunos militares que ingressam no curso de enfermagem na Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD), a partir da identificação dos elementos identitários envolvidos nesse processo, bem como das concepções dos alunos sobre a identidade profissional do auxiliar de enfermagem militar.

O meio militar representa um campo relevante para pesquisas envolvendo a identidade profissional, pois apresenta peculiaridades recheadas de signos e símbolos característicos do militarismo, tais como, postura, linguajar e vestimentas, todos relacionados ao espírito militar que são incorporados pelos sujeitos ao longo de sua trajetória na carreira. No caso desse estudo, entretanto, ao espírito militar que é recheado de símbolos masculinos, os alunos da Escola de Saúde devem associar o “espírito do cuidado” vinculado tradicionalmente à imagem feminina.

A educação em escolas de formação militar, tal qual as Escolas de Aprendizes-marinheiros, é uma experiência que irá realizar uma mudança da vida civil para a militar, onde o indivíduo irá adquirir uma nova identidade: a identidade militar. Sendo assim, depois de vivenciarem essa experiência de formação, intriga-nos saber como esses alunos percebem a formação profissional em enfermagem, e de que forma os estigmas e simbolismo da enfermagem como profissão feminina são sentidas por estes sujeitos. Mais especificamente busco responder algumas questões, tais como, qual a identidade profissional produzida e veiculada na formação pela Escola de Saúde do HNMD? Os alunos têm interesse em estudar enfermagem ou estão estudando por imposição da instituição militar? Qual a representação elaborada pelos alunos sobre a identidade profissional? Existem conflitos entre ser militar e ser enfermeiro?

Inicialmente, questionava como seria possível um aluno cursar uma carreira como a enfermagem sem ter escolhido como prioridade. No entanto, esta visão estava embasada no senso comum que reforça a idéia vocacional e caritativa da profissão. Com o tempo, pude perceber que existem questões maiores envolvidas, e o fato de não ter escolhido não é o foco principal, e sim como ele constrói a sua identidade numa profissão majoritariamente feminina, que tem no cuidado com o outro e não na força física o elemento central.

Desde os tempos da graduação na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense tenho me interessado pela temática da formação profissional em saúde, particularmente na área de enfermagem. Na época da graduação estudei a formação profissional do enfermeiro sob os aspectos da problemática do envelhecimento onde analisei as formas de inserção do tema nos currículos de enfermagem.

Como já havia interesse no tema educação e já manifestava vontade de atuar como docente, no ano de 2004 prestei concurso público e ingressei como professora de enfermagem da Escola de Saúde do HNMD, pertencendo ao quadro de professores civis, onde atuo até o momento. De acordo com o Serviço de Documentação da Marinha (Caminha, *apud* Alcântara, 2005), a história da saúde nessa instituição militar se inicia em 1834 quando passa a funcionar na Ilha das Cobras o Hospital da Marinha da Corte, atual Hospital Central da Marinha, mas foi apenas em 1848 que o seu Corpo de Saúde é organizado, constituído somente por médicos e farmacêuticos. No ano de 1857, se cria a Companhia de Enfermeiros. Os registros históricos indicam que o embrião do atual Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD), inaugurado em 1980, foi a chamada “casa de Marcílio Dias”, instituição filantrópica criada por esposas de oficiais da marinha, no ano de 1926. O aumento da clientela naval e a criação do Fundo de Saúde da Marinha (FUSMA),¹ estão na origem da criação de um hospital de base para atender o aumento da demanda daí decorrente.

A primeira escola de formação em enfermagem na Marinha do Brasil foi criada em 1916 e funcionava nas dependências do Hospital Central da Marinha, destinada exclusivamente a formação de militares do sexo masculino e objetivava o preparo do pessoal embarcado em navios e unidades militares. A partir de 1947, a Marinha organizou os cursos de auxiliares de enfermagem, só reconhecidos com o Decreto n. 50.387/61.

O embrião da atual Escola de Saúde do HNMD, por outro lado, foi uma escola de auxiliares de enfermagem inaugurada em 1952 pelo Departamento de Assistência Médico Social da Armada (AMSA), destinada a civis do sexo feminino. Posteriormente, ambas as escolas passaram a funcionar nas dependências do Centro Médico Naval do Rio de Janeiro (CMNRJ), extinto em 1988, quando o atual HNMD passou a acumular a responsabilidade

¹ O FUSMA é uma contribuição feita pelos militares e pensionistas, que lhes dá o direito de usar o sistema de saúde da marinha, ao mesmo tempo que obriga a instituição a fornecer assistência médica.

da formação técnica e aperfeiçoamento dos militares da área de saúde e pesquisa médica, atribuições do então CMNRJ. À época, as escolas eram separadas por um muro e possuíam currículos diferenciados. Mais tarde, as escolas foram unificadas, passando a vigorar daí em diante um único currículo, mantendo tanto turmas de militares do sexo masculino, como turmas de civis do sexo feminino. Atualmente não são mais abertas as turmas femininas na Escola de Saúde do HNMD.

A Escola de Saúde foi instituída oficialmente em 1979 pelo Decreto n. 83.161 de 12/02/1979, que regulamentou a Lei n. 6.540, de 28/06/1978, que dispunha sobre o ensino na Marinha brasileira. O curso técnico de enfermagem dessa escola foi credenciado pelo Parecer n. 290/85 do CEE-RJ (Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro), e a autorização de funcionamento foi permitido pela Portaria n. 6.113/DAT/85 em julho de 1985.

Atualmente, o sistema de ensino está organizado com base na Lei n. 11.279, de 9/02/2006, regulamentado pelo Decreto n. 6.883, de 25/06/2009. Esse Decreto determina que o Sistema de Ensino Naval (SEN) tem por finalidade capacitar o pessoal militar e civil para o desempenho dos cargos e funções previstos na organização da Marinha. Em seu art.10, fica estabelecido que os cursos do SEN, quando concluídos com aproveitamento, conferem certificados ou diplomas com validade nacional, ficando assegurada a equivalência aos cursos civis.

Ao longo dos sete anos que atuo como professora do quadro de professores civis da Escola de Saúde pude aprender sobre os comportamentos e significados do ambiente militar, o que me permitiu a familiarização com o cenário a ser estudado. Conforme destacado por alguns pesquisadores da área, o acesso a instituições militares ainda é difícil, e este fenômeno explica a pouca quantidade de trabalhos que abordem as particularidades da vida na caserna, mas essa dificuldade talvez seja reflexo também dos anos da ditadura militar. Em quase todos os trabalhos etnográficos realizados no ambiente militar, aos quais tive acesso, os pesquisadores descrevem não só o receio por parte das instituições em autorizar o acesso de civis, mas também sobre o tema a ser abordado/investigado, e muitos relatam inclusive tentativas de impedir a realização das pesquisas.

Nesse sentido, a realização dessa pesquisa só foi possível devido a minha inserção na instituição como professora civil da Escola de Saúde. Ainda assim, o caminho

percorrido até a obtenção da autorização não foi dos mais fáceis. Percebi que os militares, mesmo os mais graduados na cadeia hierárquica, sempre consideram o risco de autorizar uma pesquisa na instituição, pois sempre existe a possibilidade de serem chamados a prestar contas a um superior. Durante a fase inicial de levantamento, cheguei a ouvir que provavelmente eu não seria autorizada a divulgar o nome da instituição, que deveria utilizar termos genéricos como “um hospital militar”, sem identificar de qual força, e poderia ser obrigada a omitir o nome da instituição.

Apesar de ser filha e neta de militares, somente com meu ingresso na Marinha do Brasil, foi possível vivenciar o cotidiano da instituição. Logo após a realização dos exames admissionais, pude perceber como os espaços são divididos e hierarquizados, como as patentes interferem desde o lugar onde estacionar o carro, realizar as refeições, e até dividir o uso dos elevadores. A linguagem própria do ambiente militar foi algo que fui me familiarizando aos poucos, como o alfabeto fonético usado para dividir os pelotões (alfa, bravo, charlie e delta), os termos como “está a bordo” para dizer que alguém está na instituição e tantos outros que hoje em dia incorporei ao meu vocabulário com naturalidade.

No ambiente escolar, por outro lado, quando o professor entra em sala de aula, os alunos devem se levantar e só devem sentar após uma ordem para tal e isso se repete sempre no início e final de cada aula. São inúmeras as cerimônias militares, como a passagem de comando, comemorações de datas festivas, visitas de autoridades, dentre tantas outras, mas a presença dos professores civis nessas atividades é opcional na grande maioria das vezes.

Os professores civis, por terem formação superior, são equiparados ao posto de oficial, sendo considerados “assemelhados”, e essa equiparação permite aos mesmos, o acesso aos espaços destinados a oficiais. Takahashi (2009) afirma que esta equiparação para alguns civis manifesta o desejo de serem tratados da mesma forma que os oficiais, e outros podem sentir-se inferiorizados por não portarem insígnias. A mesma autora destaca que “o exercício da profissão em um meio onde a hierarquia predomina e onde as pessoas são diferenciadas através de suas insígnias favorece a confusão de identidades até mesmo entre alguns civis” (Takahashi, 2009, p.64).

Câmara (2008), ao estudar a prática docente na Escola de Saúde do HNMD e a construção da identidade dos docentes enfermeiros, afirma que a cultura institucional exerce influência na prática desses trabalhadores:

A Escola de Saúde congrega em sua cultura institucional características escolares como calendários, programas a cumprir, aulas divididas em tempos, avaliações... e características de instituições totais, como quartel que é, com uniformes, medalhas e gestuais próprios, por sua hierarquia e disciplina, por sua identidade construída na oposição ao mundo exterior, o mundo dos paisanos. (Câmara, 2008, p.86)

Essa relação de oposição entre o meio militar e o meio civil é bastante discutida na obra de Castro (2004), demonstrando que as peculiaridades do meio militar transformam os sujeitos, diferenciando-os dos paisanos, cumprindo a formação militar um momento de transição entre estes dois mundos. Castro (2004) realizou uma pesquisa envolvendo Cadetes em formação na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e a partir das suas entrevistas, foi possível identificar que os ensinamentos na academia visam transmitir aos Cadetes que eles são diferentes dos civis, ou paisanos, termo mais usado entre os militares. A diferenciação entre militares e paisanos é considerado pelo autor o passo fundamental na instauração do “espírito militar”, ou para a construção da identidade militar.

A existência de universos distintos entre militares e paisanos é destacada por Castro (2004), onde afirma que “[uma] idéia subjacente a essas comparações é a de que existem atributos morais e físicos que distinguem e tornam reconhecíveis os militares mesmo quando eles não estão usando farda, a marca mais visível da corporação” (Castro, 2004, p.41).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tornou-se necessário estudar autores que trabalham com a temática identidade, visando avançar a partir daí, na compreensão dos aspectos envolvidos na construção da identidade profissional. Essa temática tem sido amplamente discutida em diversos campos de pesquisa e há um relativo consenso entre os autores consultados de que a identidade pessoal e profissional é um processo em constante mudança, vinculado às relações que se estabelecem entre a experiência pessoal e a vida social.

Lopes (2002) faz uma revisão de alguns pressupostos epistemológicos para pensar a categoria identidade. O autor destaca que existe uma “pré-história” sobre a categoria identidade, já que é possível identificar estudos de Marcel Mauss originalmente datados de

1938 que abordam o tema, mostrando que durante séculos, a noção de pessoa permanecia integrada na sua dualidade de corpo e alma, consciência e ação. O mesmo autor, após estudos sobre a temática, revela que a categoria identidade atravessa as referências aos termos pessoa, sujeito e indivíduo “estruturando-se transversal e dialeticamente sobre elas” (Lopes, 2002, p.10). Desta forma, a categoria identidade apresenta diversificações mais específicas do que as contidas no conceito de pessoa, sujeito e indivíduo, sendo esta categoria amadurecida ao longo dos anos, estando a identidade sujeita às determinações institucionais, construídas em cada sociedade em seu momento histórico.

Dubar (1998, 2005), Ciampa (1994), Chies (2010), Goffman (1998) e Oliveira (2006), também são autores que desenvolvem conceitos que permitem esclarecer aspectos da identidade profissional. Para Dubar (1998), a identidade humana não é dada, ela constrói-se e reconstrói-se ao longo da vida, sendo ela dependente não apenas do indivíduo, mas depende tanto do julgamento de outros como das suas próprias orientações e auto definições. O autor destaca que “o modo de pensar e tornar operacional esta distinção entre identidade pessoal (o que sou/gostaria de ser) e identificação social (como sou definido/o que dizem que eu sou) dá margem a múltiplos desdobramentos” (Dubar, 1998, p.2)

O processo de formação da identidade segue dois caminhos de acordo com Dubar (2005), a “identidade para si” e a “identidade para o outro”, sendo a primeira entendida como a maneira como nós mesmos nos reconhecemos, e a segunda como a maneira como as pessoas nos enxergam. Segundo o autor, a “identidade para si” e a “identidade para o outro” são ao mesmo tempo inseparáveis, na medida que a primeira é correlata ao outro e ao seu reconhecimento, e ligadas de maneira problemática, na medida que a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu, de modo que segundo o autor, contamos com informações sobre a identidade que o outro nos atribui. Deste modo, nota-se que a maneira como o outro nos enxerga ou visualiza a nossa profissão, produz reflexos na percepção da nossa identidade.

Como destaca Chies (2010) essa mutabilidade na perspectiva desenvolvida por Claude Dubar vai ao encontro das delimitações propostas por Ciampa (1994) que também considera a identidade humana algo dinâmico. Antônio Ciampa, trabalha com a concepção de identidade psicossocial, na qual a identidade apresenta um caráter de metamorfose, ou seja, as mudanças acontecem constantemente, ao mesmo tempo que pressupõe a realidade

social na qual o indivíduo está inserido. Deste modo, para o autor, somos o que fazemos em um determinado momento e em cada papel que desempenhamos o que confere um movimento constante à identidade.

Lopes (2002, p. 21) usando a noção de identidade metamorfose formulada por Ciampa (1994) diz que:

Pensar a metamorfose identitária, sobretudo em condições de crise social ou individual, implica reconhecer as transformações que se operam processualmente no centro e na periferia da formação psíquica dos sujeitos, implica também questionar a maneira pela qual esses processos imbricam-se com as estruturas mais amplas que determinam as condições sociais da própria formação psíquica, ou seja, as condições nas quais os sujeitos pensam, a arena na qual suas reflexões ganham concretude.

A fim de compreender com maior clareza a questão da identidade é importante salientar também a diferença entre identidade pessoal e identidade social. A identidade pessoal ou individual é única, marcando a diferença entre os indivíduos. Já a identidade social ou coletiva reflete o “repertório de papéis” ou “perfis” que o indivíduo desenvolve durante sua vida e que pode sustentar em um determinado grupo social (Goffman, 1998).

A noção de identidade de Goffman (1998), ocupa-se com as “marcas de apoio à identidade” e com a combinação única de fatos da história de vida que, incorporados ao indivíduo, acabam por formar a sua identidade. Portanto, o indivíduo pode ser distinguido dos outros e, em torno da diferenciação, constrói-se a história contínua e única de vivências sociais. O papel do outro é fundamental na constituição da identidade porque a observação das “marcas de apoio” e a percepção da combinação única dos fatos de vida, são realizadas pelo meio social.

Estes aspectos sociais são reforçados por Oliveira (2006), que destaca que o processo de construção da identidade profissional é cultural por considerar aspectos de representações, de símbolos, de imaginário, de atitudes e referências que são suscetíveis ao corpo social. Neste sentido, a abordagem da profissionalização tanto da enfermagem quanto do militar são relevantes, pois ambas as profissões são recheadas de signos e símbolos.

Dubar (1998), aborda ainda sobre a visão de autores como Kaufman (1994) que propôs um aprofundamento nas discussões sobre a distinção dos dois aspectos dos processos identitários, fazendo uma articulação entre procedimentos tão importantes quanto diferentes. O primeiro permite elucidar de que forma os “quadros sociais de identificação”

condicionam os percursos individuais e o outro visa compreender os discursos biográficos como “processos identitários individuais”, por meio dos quais as crenças e as práticas dos membros de uma sociedade contribuem para inventar novas categorias, mudar as antigas e constantemente reconfigurar os próprios “quadros da socialização”.

Canário e Alves (2008), acrescentam ainda que na obra de Dubar, é possível perceber o papel da educação como fator a contribuir na construção da identidade profissional, através dos conhecimentos e das normas que veicula. Todavia, os autores acrescentam que é na realidade do mercado de trabalho que a dupla relação entre uma identidade para si e uma identidade profissional para o outro ocorre. Diante deste fato, é possível perceber que a identidade profissional pode ser entendida como o “resultado de um processo biográfico e de um processo relacional de uma transação objetiva entre uma identidade atribuída e uma identidade proposta” (Canário e Alves, 2008, p.3).

A questão da identidade profissional é amplamente discutida em diversos campos de pesquisa, sendo a identidade pessoal e profissional um processo em constante mudança, fornecendo relações entre a experiência pessoal e a vida social. Para Silva e Padilha (2002, p.588), “[a] imagem profissional remete-nos à própria identidade profissional, em sua intrincada rede de significados que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão”.

Deste modo, a partir desses autores, podemos dizer que há um relativo consenso de que a identidade não é algo pronto e acabado, mas sim um processo em constante transformação. No caso deste estudo, os sujeitos sofrem um duplo processo de profissionalização, pois primeiro cursam a formação militar, tornam-se militares, e somente depois de alguns anos, fazem o curso na especialidade escolhida e entrarão em contato com a nova profissão, mas sem deixar de ser militar.

Um grupo como os militares possuem uma série de particularidades, como demonstra a literatura disponível, com uma visão própria enquanto grupo distinto do restante dos cidadãos, tidos como os “paisanos”. Todos os momentos da vida militar são marcados por uma série muito grande de prescrições, como códigos de condutas a respeito da aparência física, de posturas corporais, uniformes, comportamento interno e externo ao quartel, assim como das mais variadas situações do cotidiano da vida militar.

Ao ingressar no meio militar, o aluno inicia um processo de socialização profissional, onde irá aprender os ritos, valores, normas e comportamentos considerados próprios da vida militar. Castro (2004) considera que é na interação cotidiana, que o indivíduo aprende como é ser militar, e dessa forma, vai construindo a identidade profissional, que o autor caracteriza de “espírito militar”.

Os aspectos como postura, linguajar, vestimentas, relacionados ao espírito militar são incorporados pelos sujeitos ao longo de sua trajetória na carreira e com isso, os militares se configuram como sujeitos interessantes para pesquisas que visem estudá-los de uma perspectiva institucional. A educação em escolas de formação militar, tal qual as Escolas de Aprendizes-marinheiros, é uma experiência que irá realizar uma mudança da vida civil para a militar, onde o indivíduo irá adquirir uma nova identidade: a identidade militar.

Câmara (2008) reforça que esta cultura militar é colocada para todos que integram o sistema, mas é sentida de forma diferente por civis e militares, influenciando inclusive as práticas docentes em sala de aula. De acordo com seu estudo, a hierarquia e a disciplina são percebidas de maneira confortável e agem como um facilitador em sala de aula.

De fato, na vivência cotidiana, é possível observar, que a disciplina que impera no ambiente militar, pode ser encarada como uma tecnologia que visa o bom andamento do trabalho (Foucault, 1978). As possíveis punições podem interferir para que o aluno mantenha uma conduta considerada aceitável para os padrões militares.

Dentro deste contexto busca-se identificar a trajetória de formação da identidade profissional dos alunos da Escola de Saúde do HNMD, considerando o meio social no qual estão inseridos, o cenário externo, seu meio familiar, enfim as influências que se refletem na formação da identidade.

Considerando a dinâmica que um estudo sobre processo de formação de identidade do militar enfermeiro suscita, a principal inovação deste trabalho é a articulação entre o processo de construção da identidade militar e da identidade da enfermagem. Com isto, esperamos contribuir para a análise de alguns aspectos internos da instituição militar, bem como trazer a tona as relações que se estabelecem no interior da caserna.

Para alcançar esse objetivo o caminho metodológico utilizado foi de um estudo de caráter qualitativo, privilegiando uma abordagem que segundo Minayo (1993), implica

considerar o sujeito de estudo como pessoas, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com seus valores, crenças e significados. Optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa, inspirando-me na análise de conteúdo como procedimento analítico devido às possibilidades que esta abre para pensar a identidade profissional de militares na enfermagem. A pesquisa possui uma inspiração etnográfica, buscando uma apreensão mais ampla do objeto estudado e seu contexto.

Segundo Minayo (2011) a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, que não se pode quantificar. Desse modo, “esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (idem, p.21).

As questões referentes à identidade profissional dos alunos foram estudadas no contexto de significados, neste caso, o meio militar, buscando captar não somente a aparência, mas a essência do fenômeno. Investigou-se o mundo destes alunos, a partir de suas experiências, adaptações ao universo militar, vivências na enfermagem, e representações acerca da profissão, procurando avaliar as implicações destes aspectos na construção da identidade profissional.

Devido ao fato de a pesquisa objetivar a reflexão acerca da identidade profissional de militares que atuam na enfermagem, foi necessário que a pesquisa se desenvolvesse na unidade militar na qual trabalho, a Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias, por ser a única nesta área na Marinha do Brasil. A referida Escola atua na formação de auxiliares e técnicos de enfermagem militares.

O interesse em desenvolver o trabalho nesta instituição se deu pelo fato de se tratar do ambiente de onde emergiram as questões deste estudo. Além disso, a instituição favoreceu o acesso aos sujeitos de pesquisa.

O corpo discente da Escola de Saúde é composto por 160 alunos do curso de Especialização em Enfermagem C-Esp-Ef (correspondente ao curso de auxiliares de enfermagem) e 72 alunos do curso de Aperfeiçoamento em Enfermagem C-Ap-Ef (correspondente ao curso Técnico em enfermagem). A pesquisa limitou-se aos alunos do curso de aperfeiçoamento em enfermagem, pois os alunos do curso de especialização não possuem vivência na enfermagem e somente no mês de setembro de 2012 iniciam os

estágios supervisionados. Já os alunos do C-Ap-Ef, já realizaram o curso de Especialização e possuem um tempo médio de cinco anos de experiência na enfermagem, possibilitando uma melhor exploração acerca da identidade profissional. Foi definido como critério de escolha, participantes que possuísem atuação superior a três anos de profissão, para garantir que possuísem uma vivência mínima na função.

Para que fosse possível ampliar qualitativamente o grupo, abarcando diversas experiências e vivências do trabalho da enfermagem militar em diferentes campos de atuação, os atores participantes escolhidos tiveram experiências diversas, não só na enfermagem hospitalar, mas em outros serviços dentro da Marinha.

Foram realizadas entrevistas onde apareceram pontos relativos à socialização militar, familiar e profissional. A intenção do uso deste instrumento foi buscar captar a interpretação dos atores envolvidos acerca dos fenômenos que se apresentam. A boa interação que já possuía com os alunos foi um fator facilitador, e acerca deste aspecto, Minayo (2011, p.67) ressalta que “[no] caso da pesquisa qualitativa, ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da própria objetividade”.

O roteiro de entrevista (apêndice A) abordou 15 questões semi-estruturadas relacionadas a trajetória na carreira militar e na enfermagem, com enfoque nos aspectos ambientais e organizacionais do ambiente militar, percepções acerca das profissões, planos para o futuro quanto a vida profissional, permeando os aspectos inerentes a identidade profissional.

Foram realizadas ao todo 9 (nove) entrevistas, sendo os mesmos Sargentos cursando o C-Ap-Ef. Elas foram realizadas na sala dos professores, em horários em que os alunos não estavam em sala de aula, estando presentes somente a pesquisadora e o entrevistado. A partir da oitava entrevista, os dados começaram a se repetir. Por este motivo, o número de informantes foi estabelecido a partir do critério de saturação das informações.

Com o aceite dos sujeitos, as entrevistas foram gravadas em meio digital e posteriormente, transcritas. As transcrições foram realizadas pela pesquisadora no menor espaço de tempo possível, após cada entrevista, com a finalidade de captar detalhes quanto aos elementos presentes no discurso dos sujeitos.

Após as transcrições, o material foi submetido à validação dos dados pelos participantes. Assim, os 09 entrevistados tiveram acesso aos seus depoimentos na forma de texto e nenhum deles apresentou qualquer tipo de censura ao material, concordando em rubricar as transcrições, como forma de ratificar a sua participação no estudo.

O procedimento adotado nesta etapa do estudo, como forma de organizar os dados coletados nas entrevistas foi a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1988) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Com isso, busca-se uma significação profunda dos textos, desvendando aquilo que está oculto.

Amado (2000, p.53) também analisa a relevância dessa técnica para os estudos qualitativos e salienta que se caracteriza por ser “uma técnica que procura arrumar num conjunto de categorias de significação, o conteúdo manifesto dos mais diversos tipos de comunicação”. Isto é, agrupa as falas, os discursos que se interrelacionam sob as mesmas categorias. Este mesmo autor esclarece, ainda, que o aspecto mais importante da análise do discurso é o fato de ela permitir, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos das mensagens, o avanço fecundo, por zonas menos evidentes que constituem o referido contexto de produção.

A análise de conteúdo, segundo uma adaptação da proposta de Laurence Bardin (1988) ao contexto desta pesquisa compreendeu três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Ainda utilizando Bardin (1988), a fase de pré-análise corresponde ao período em que ocorre a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Esta fase se iniciou com as transcrições das entrevistas, onde através destas, é possível uma aproximação com o conteúdo das entrevistas permitindo que fossem destacados no texto aspectos como pausas prolongadas, frases interrompidas e repetições.

A leitura do material transcrito permitiu um primeiro contato com o texto, deixando que ocorressem as primeiras impressões e orientações, o que Bardin (1988) denomina de “leitura flutuante”, já que a leitura vai se tornando mais precisa, em função das hipóteses emergentes e das teorias adaptadas sobre o material.

Para organização do material, após exaustivas leituras das transcrições, foram destacados dos textos os fragmentos que se relacionavam com os objetivos propostos pela pesquisa. Esse procedimento foi fundamental para que pudessem ser excluídas as informações transversais que não se relacionavam com os objetivos propostos.

Na fase seguinte se procedeu a exploração do material, consistindo essa fase nas operações de codificação, transformando o material coletado em unidades de significado, até a transformação dessas unidades em categorias que, compreendiam a especificação do tema. Com isso, foi possível a identificação das expressões com sentidos equivalentes presentes no discurso de cada entrevistado.

Bardin (1988) ao propor o método, esclarece que a codificação do material corresponde a uma transformação dos dados brutos de texto, transformando esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, no caso as mensagens contidas nas entrevistas.

No terceiro momento ocorreu a descrição das categorias evidenciadas e a sua interpretação frente ao referencial teórico, bem como a revisão dos objetivos do estudo e a confirmação da contemplação dos mesmos.

Quanto aos aspectos éticos, após a autorização da direção da Escola de Saúde para a realização da pesquisa, e a seguir com a qualificação da mesma, o trabalho foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio-Fiocruz, com vistas à sua aprovação, conforme prevê a Resolução n.196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo que a pesquisa foi aprovada na data de 12 de abril de 2012 sob o número de parecer 5116 (apêndice B).

Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice C). Esse documento foi impresso em duas vias de igual teor e entregue a cada participante, antes do início das entrevistas. Após o consentimento, o participante assinou uma via autorizando a sua participação na pesquisa, sendo uma via entregue ao participante e a outra arquivada com a pesquisadora. Foi solicitada ainda a autorização para proceder a gravação digital das entrevistas, salientando a importância desta gravação para melhor captação dos dados para análise. A identidade dos informantes está protegida por pseudônimos por mim escolhidos.

Essa dissertação será desenvolvida a partir de três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão acerca da identidade militar, visando refletir sobre o ambiente

militar e os fatores envolvidos na construção da identidade militar. Deste modo, este capítulo tratará do processo de construção da identidade militar, com base em autores que abordam a temática do “espírito militar”.

No segundo capítulo buscamos contextualizar o processo de construção da identidade da enfermagem, realizando uma breve reconstituição histórica da enfermagem enquanto profissão, para que seja possível compreender os elementos que interferem na construção da identidade profissional da enfermagem. Diante do fato de estarmos trabalhando com homens, percebemos a necessidade de incluir autores que abordem a temática da inserção dos homens em uma profissão historicamente feminina, abordando os possíveis atravessamentos de gênero envolvidos na construção desta identidade.

O terceiro capítulo se caracteriza pela apresentação e análise dos dados oriundos da coleta de depoimentos durante a realização das entrevistas com os sujeitos, possibilitando a construção do modelo teórico desta pesquisa. Deste modo busca-se realizar uma reflexão acerca dos elementos envolvidos na construção da identidade profissional dos alunos.

CAPÍTULO I - A CASERNA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR

1.1 - A CARREIRA MILITAR

O ingresso na carreira militar acontece mediante concurso público aberto a jovens, sem distinções. A carreira militar pode ser percebida como algo além de um emprego, pois ela tende a organizar a vida do indivíduo, do comportamento individual à qualificação profissional.

Segundo a Lei 6880 de 09 de dezembro de 1980, que estabelece o Estatuto dos Militares, “a carreira militar é caracterizada por atividade continuada e inteiramente devotada às finalidades precípua das Forças Armadas, denominada atividade militar” (BRASIL,1980). Em vários pontos da Lei, observamos a referência a aspectos como hierarquia e a disciplina, reforçando que estas são a base institucional das Forças Armadas, e ainda que a autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico.

Quanto à hierarquia, o Estatuto define que:

[...] A hierarquia militar é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura das Forças Armadas. A ordenação se faz por postos ou graduações; dentro de um mesmo posto ou graduação se faz pela antigüidade no posto ou na graduação. O respeito à hierarquia é consubstanciado no espírito de acatamento à seqüência de autoridade.

Quanto à disciplina, a lei esclarece que:

[...] Disciplina é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar e coordenam seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes desse organismo.

A disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida entre militares da ativa, da reserva remunerada e reformados, sendo preceitos a serem seguidos por toda a vida do militar. Destaca-se ainda na Lei, as manifestações essenciais do valor militar, como o patriotismo, traduzido pela vontade inabalável de cumprir o dever militar e pelo solene juramento de fidelidade à Pátria até com o sacrifício da própria vida, o civismo e o culto das tradições históricas, a fé na missão

elevada das Forças Armadas, o espírito de corpo, orgulho do militar pela organização onde serve e o amor à profissão das armas e o entusiasmo com que é exercida.

As relações de forma escalonada, de forma a segmentar os militares, definem bem os limites da hierarquia e o campo de atuação dela. Divididos em patentes, círculos hierárquicos e antiguidade, essa forma de segregação vai construindo a coletividade. Essas divisões são utilizadas no dia-a-dia da instituição militar, na utilização dos espaços, nas condecorações e punições.

Ainda no estatuto dos militares, observamos na seção que trata da ética militar, referência a preceitos como verdade, dignidade pessoal, cumprimento das leis, ser justo e imparcial, desenvolver espírito de cooperação, ser discreto em suas atitudes e em sua linguagem, praticar espírito de cooperação, entre outros atributos, que visam regular o comportamento do militar. Um outro aspecto a ser destacado sobre a vida na caserna é o fato de que muitas atividades são desenvolvidas de forma coletiva, ou ainda em situações que podem colocar a vida em risco e isso acaba por fortalecer o “espírito de corpo”.

Castro (2004) reforça esta idéia, relatando que desde o início do ingresso na vida militar, os oficiais procuram criar situações que estimulem o desenvolvimento do companheirismo, tais como o compartilhamento de “símbolos, objetos, gírias e preocupações comuns, que possibilitam uma facilidade de comunicação raramente encontrada em outros lugares” (idem, p.40). Porém, o autor aponta que o companheirismo no meio militar é algo compulsório. Deste modo, as relações de amizade nem sempre são estabelecidas, mas o companheirismo sempre.

A carreira militar requer do mesmo o regime de dedicação exclusiva, sendo vedada qualquer outra atividade profissional, devendo o militar estar sempre disponível para o serviço. Alguns direitos assegurados a trabalhadores civis não são assegurados aos militares como limite de horas diárias, adicional por serviço noturno e horas extras.

As Forças Armadas possuem regimentos e normas típicas que as diferenciam do meio civil, principalmente se comparadas ao referencial civil. Os servidores civis, ligados a administração direta dos órgãos militares estão sujeitos a legislação civil, mas este aspecto não elimina o fato de que algumas normas devem ser seguidas em respeito ao ambiente militar. Esses aspectos reforçam mais ainda a idéia de dois mundos, o militar e o paisano, retratados na obra de Castro (2004).

O termo paisano, utilizado para definir os civis, pode ser interpretado como um aspecto ligeiramente depreciativo, colocando os civis em um universo diferente do militar. Todos os atributos físicos e comportamentais dos militares marcam uma fronteira entre esses dois mundos. Sendo assim é comum dentro do militarismo, observarmos a referência a acontecimentos errados como sendo relacionados ao mundo civil, como por exemplo não cumprir horário. No ambiente militar, não pode haver atrasos, os horários precisam ser seguidos e Castro (2004) afirma que esses erros são chamados de “paisanaria” por muitos.

Na minha vivência cotidiana, não percebo essa rigidez disciplinar tão acentuada. Ao contrário, venho notando uma certa flexibilidade e até ausência de punições mais severas aos alunos. No entanto, o sentimento compartilhado entre os professores civis é de que estamos naquele cenário, mas de alguma forma não fazemos parte dele. É comum afirmações do tipo a “vida de civil é mais fácil”, “ser civil é moleza, o civil faz o que quer”. Porém, mesmo sendo civis, as obrigações existem como em qualquer emprego, tais como horário a cumprir e normas a seguir, mas o que parece é que o fato de não sermos punidos com as regras militares, como a prisão, faz toda a diferença para os militares.

Castro (2004) aponta que o período de adaptação à nova vida militar, funciona como uma espécie de peneira, objetivando levar a desistência, aqueles que porventura não apresentarem “vocaçãõ” ou “força de vontade” adequados para o ingresso na carreira militar. Em algumas academias militares, os novatos estudam em regime de internato, ficando mais marcada essa diferença entre os dois mundos, na medida que eles acabam tendo pouco contato com o mundo externo. Mesmo nos centros de formação onde não prevalece o modelo de internato, os novos militares, muitas vezes oriundos de outras cidades acabam por permanecer aquartelados, ou ainda dividindo repúblicas com outros alunos, fortalecendo o convívio e o vínculo entre os novatos.

Nas academias militares que objetivam a formação de oficiais, como é o caso da AMAN, a preocupação com os militares que detenham real aptidão para o serviço militar é muito mais marcante, pois essas academias visam o preparo de futuros oficiais, que exercerão cargos de comando, necessitando de domínio e liderança sobre os seus subordinados. Sendo assim, a pressão para que haja desistência é muito grande nessas academias, e os novatos são testados e pressionados a todo tempo.

Na Escola de Aprendizes Marinheiros, a pressão parece ser menor, na medida que ainda que haja a valorização de aptidões para o serviço militar, o fato de serem escolas para formação de soldados, ou seja, de comandados, parece fazer diferença. Na pouca literatura que aborda o tema, a grande maioria retrata o universo de Escolas de formação de Oficiais, havendo uma grande lacuna a respeito das Escolas de Aprendizes. Em resumo, os soldados aparentemente precisam aprender a obedecer a hierarquia, e os oficiais além de aprender a hierarquia, necessitam aprender também a liderar seus comandados.

1.2 - A IDENTIDADE MILITAR

Seja devido ao difícil acesso às organizações militares, ou aos resquícios dos traumas causados pelas intervenções armadas, o fato é que há poucos estudos que tratam a instituição militar como objeto de análise. Se considerarmos os estudos realizados dentro da caserna, os números são mais escassos ainda, poucos são os estudos históricos e documentais que abordam ou apresentam a realidade do interior da instituição.

A análise da identidade militar como categoria abrange uma diversidade de possibilidades de interpretação. No entanto, aqui vamos nos ater à identidade como um processo situado no interior da instituição militar. Os autores que realizaram estudos antropológicos das Forças Armadas, principalmente no Exército, fazem referência à identidade mencionando a formação do “espírito militar”, compartilhando a mesma idéia de uma identidade militar.

A formação profissional militar desenvolve-se toda ela no sentido de aderir a um código especial de comportamento, que tende a imprimir-lhe caráter uniforme e distinto de outros setores da sociedade. A socialização se dá dentro de uma estrutura social específica, que são os quartéis, e varia de acordo com a complexidade desta. De acordo com Castro (2004), no interior da caserna existe uma experiência totalizadora e básica para a identidade militar: a da preeminência da coletividade sobre os indivíduos, sendo a conduta institucionalizada incorporada.

A organização militar apresenta uma estrutura pautada na hierarquia e na disciplina, onde se observa uma comunicação formal e hierarquizada. Devido às características da organização, os sujeitos que nela se inserem devem seguir algumas regras de comportamento para estarem de acordo com as diretrizes propostas. O respeito e o

cumprimento dessas regras acabam padronizando o comportamento dos sujeitos. Em outras palavras, mediante imposições rigorosas de comportamento por parte das organizações militares, os sujeitos acabam incorporando tais comportamentos em sua vida pessoal, ampliando esse padrão de comportamento para outros setores além do campo profissional como família e amigos.

Admitindo-se que os sujeitos constituem suas identidades mediante as relações que estabelecem nos diversos espaços sociais e entendendo que as organizações onde se fundamentam e se desenvolvem as atividades profissionais constituem um espaço privilegiado na formação destas identidades, pode-se entender então o efeito que uma organização nos moldes militares exerce sobre os seus membros.

É possível perceber dos estudos etnográficos organizados por Castro e Leiner (2009) intitulado “A antropologia dos militares - reflexões sobre pesquisas de campo”, realizados dentro de instituições militares, que esta instituição constrói a sua identidade exatamente na distinção com o mundo civil. A identidade grupal se apresenta logo de pronto, no uniforme, no gestual, no modo como os relacionamentos são estabelecidos. Para seus integrantes, estar dentro, não existe sem a correlação com o estar fora, confirmando a existência de dois universos: o civil e o militar. Uma idéia subjacente a essas comparações, é a de que existem atributos físicos, morais e comportamentais, que distinguem e tornam reconhecíveis os militares mesmo quando não estão uniformizados, a marca mais visível da corporação.

Todos esses ensinamentos e comparações são fundamentais para o que Celso Castro chama de “espírito militar”, numa clara alusão ao fato de que os militares são diferentes dos paisanos. Castro (2004) vai além, ao afirmar que a visão reforçada é a de que os militares são não só diferentes, mas melhores que os paisanos. Não por características singulares que possam ter, mas porque os militares supostamente viveriam de maneira correta. Durante muitos anos essa foi de fato uma realidade, pois a carreira militar conferia um certo status e era escolhida muitas vezes por pessoas de classes sociais abastadas. A imagem de caráter impecável dava aos militares certa credibilidade, onde seria mais fácil confiar em um militar.

Sobre este aspecto, vale relatar um processo que ocorre até hoje dentro da Marinha e de outras Forças Armadas. Sempre na primeira semana do mês, é dado um dia de folga,

denominado “licença de pagamento”, que tem como objetivo fazer com que o militar utilize este dia para ir ao banco e pagar suas contas, reforçando a idéia de que devem sempre estar em dia com suas responsabilidades.

A significação que um sujeito atribui a determinada profissão vai sendo construída ao longo de sua vida e não apenas a partir do momento em que ele passa a exercer tal atividade. Segundo Zanella (2004), o sujeito pode atribuir sentidos diferentes ao que é socialmente estabelecido e, por isso, é considerado ator, pois suas possibilidades estão circunscritas às condições sócio-históricas. Além disso,

[a] relação que estabelecemos com a realidade é, neste sentido, sempre e necessariamente mediada pela cultura, pelos valores característicos do momento social e histórico em que vivemos, bem como pela nossa história de vida e o que, decorrente dela, consideramos significativo. (Zanella, 2004, p.132)

Essa possibilidade de o sujeito atribuir sentidos diversos ao que é socialmente estabelecido, demarca a sua condição de ator pois a relação estabelecida com a cultura é ativa, marcada por movimentos de aceitação, oposição, confronto e indiferença. Sendo assim, olhar o sujeito, significa olhar a totalidade das relações que ele participa direta ou indiretamente, na medida que estamos imersos em uma determinada maneira de organização da vida, que se baseia nas práticas sociais e na maneira de ser, enfim, naquilo que caracteriza a cultura de determinado grupo.

Apesar de não participar do processo de formação nas Escolas de Aprendizes, e é nela que ocorre a incorporação à vida militar, é possível perceber nos alunos que chegam a Escola de Saúde o comportamento e os hábitos herdados da formação militar. Os militares ao ingressarem na organização militar serão fabricados, ou ainda na expressão de Foucault (2000) serão transformados em “corpos dóceis”.

[...] o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia [*sic*] dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi expulso o camponês e lhe foi dada a fisionomia de soldado. (FOUCAULT, 2000, p. 117).

O ingresso na carreira militar permite que o novo aprendiz seja transformado em militar, rompendo com muitos hábitos e costumes trazidos de sua vida civil anterior. Os procedimentos de incorporação visam mostrar aos novatos que ele está entrando em um novo espaço social, que caracteriza uma nova fase de suas vidas. Nesse sentido, o quartel se

caracteriza por aquilo que Pierre Bourdieu chama de ambiente dotado de símbolos, rituais, cerimônias e valores estigmatizados por grupos dominantes, nos quais novatos deverão adaptar-se, construindo novas identidades. Sobre as lutas neste novo ambiente social, o autor diz que,

[quando] os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida quotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa, ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da assimilação a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia etc.) e que tenha em vista propor, por estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. (BOURDIEU, 2005, p. 124).

Para alguns pensadores do tema, o conceito de Instituição Total desenvolvido por Erving Goffman (2007) pode ser empregado para explicar a socialização dos recrutas à caserna, pois na perspectiva deste autor, prisões, quartéis, manicômios e conventos são exemplos desse tipo de instituições. Na visão deste autor:

Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto geral das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição. (GOFFMAN, 2007, p. 17-18).

Para Foucault (2000), tais instituições se operacionalizam por meio do poder disciplinar, que é para o autor uma forma de dominação, uma sofisticação tecnológica derivada dos procedimentos disciplinares monásticos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (Foucault, 2000, p.119)

Para Goffman (2007), há de fato coisas em comum entre prisões, conventos e os quartéis, pois estes estabelecimentos utilizam mecanismos para modelagem da subjetividade, funcionando como estufas para mudar as pessoas. No caso das escolas de formação militar, o autor reforça que os novatos chegam com uma visão de si mesmo, trazida de sua vida anterior. Ao ingressar em uma instituição militar, o seu eu acaba sendo modificado. Desta forma, os quartéis atuam de forma a despojar o novato de todo o seu kit identitário anterior.

Castro (2004), entretanto, discorda dos que consideram as academias militares “Instituições Totais” argumentando que apesar destas apresentarem algumas semelhanças formais, apresentam divergências importantes. Em primeiro lugar, numa academia militar inexistem uma divisão rígida entre “a equipe dirigente” e “internados”; em segundo lugar, nas instituições totais, na afirmação de Goffman não se busca a “vitória cultural” sobre o internado, mas a manutenção de uma tensão entre seu mundo doméstico e institucional. Ao contrário, para Castro, numa academia militar busca-se justamente uma “vitória cultural” e não criar uma tensão persistente. Por último, Castro lembra que Goffman retrata em seu estudo, principalmente, os estabelecimentos de participação compulsória. Numa academia militar, ao contrário, só fica quem quiser, o que também é o caso da Escola de Aprendizes-marinheiros. Para melhor compreender a identidade militar, deve-se procurar não o que é essa identidade, mas sim como é, com todos os seus mecanismos simbólicos.

1.3 - A TRAJETÓRIA NA CARREIRA MILITAR

Para dar conta do objeto de estudo, é necessário entender o contexto institucional que determina a formação profissional no interior da Marinha e de como, a partir daí, esses sujeitos da pesquisa chegam até a Escola de Saúde para realizar a formação profissional em enfermagem. Em primeiro lugar, após 03 anos em média na instituição, os militares devem escolher uma profissão para cursar, dentre elas a enfermagem. A escolha é baseada em critérios militares, onde o aluno lista as suas preferências de curso, porém a decisão final é da Marinha de acordo com o desempenho do militar na sua trajetória. Em outras palavras, a escolha acontece de forma verticalizada, podendo ser direcionada para atender as

necessidades da instituição, em detrimento da preferência do militar por essa ou aquela profissão.

A carreira militar tem início com o ingresso nas Escolas de Aprendizes-marinheiros, a partir de processo seletivo, com exigência de possuírem o ensino fundamental. Os candidatos aprovados realizam um curso de formação militar de 11 meses, onde são ministradas disciplinas como armamento portátil e tiro, organização da marinha, história naval, combate a incêndio, entre outras de interesse militar-naval. Ao final desse curso, os mesmos são declarados Praças da Marinha do Brasil, na graduação de Marinheiros e serão designados para servirem em um dos diversos tipos de navio da Marinha, assim como em esquadrões de helicópteros e de aviões.

Os marinheiros permanecem nessas unidades por um ano e, após esse período são designados para unidades em terra onde permanecem por mais um ano. De acordo com o departamento de ensino da Marinha, quando ainda estão nas Escolas de Aprendizes, os futuros marinheiros realizam um teste vocacional e são classificados dentro de três ramos básicos: Mecânica, Eletricidade/Eletrônica ou Apoio. Durante os dois primeiros anos como marinheiros, devem escolher uma especialidade (qualificação técnica) do ramo vocacional em que foi classificado para cursar. No *ramo vocacional de mecânica* podem optar por: motores, máquinas navais, caldeiras, faroleiro, artífice de mecânica ou de metalurgia, carpinteiro, armamento naval e aviação. O *ramo vocacional de eletricidade/eletrônica* oferece as seguintes especialidades: eletricidade, eletrônica, direção de tiro, comunicações interiores, comunicações navais, operador de radar ou de sonar, hidrografia e navegação, armamento naval e aviação. No *ramo vocacional de apoio* as opções são: manobras e reparos, sinais, educação física, escrevente, paioleiro, arrumador, cozinheiro, barbeiro e enfermeiro.

Dessa forma, após três anos, o militar que estiver designado para carreira de enfermagem cursará o que a Marinha denomina de curso de Especialização (Esp) em enfermagem, ministrado na Escola de Saúde do HNMD com duração de 14 meses, equivalente ao curso de auxiliar de enfermagem do meio civil. Ao final do curso, serão promovidos de marinheiros para Cabo e irão servir nas instituições de saúde, como hospitais, policlínicas e centros médicos da Marinha em todo Brasil. Após cinco anos na graduação de Cabo, fazem o curso de habilitação a Sargento, quando serão promovidos a

graduação de Terceiro-Sargento e, só nessa condição, podem realizar o Curso de Aperfeiçoamento (Ap). Esse curso, com duração de seis a nove meses, complementa a formação técnica iniciada com o curso de Especialização, o que os habilita a exercer a profissão de técnico de enfermagem no meio militar e no meio civil.

Cabe ressaltar que o quadro de alunos é composto também, em menor quantidade por militares oriundos do corpo de Fuzileiros Navais. Ao longo da pesquisa esse diferencial pode trazer dados relevantes, tendo em vista que os Fuzileiros Navais possuem trajetórias profissionais diferentes dos Marinheiros. Diferente destes últimos devem deixar a Marinha caso não sejam promovidos a Sargentos; outro diferencial é o fato de que os Fuzileiros não atuam dentro das unidades hospitalares da Marinha. Após a conclusão do curso os mesmos são lotados em quartéis do corpo de Fuzileiros Navais, sem necessariamente atuarem na assistência de enfermagem.

O quadro de profissionais de enfermagem da Marinha do Brasil é composto por Cabos e Sargentos oriundos dos cursos de formação da Escola de Saúde, todos do sexo masculino, por militares do corpo auxiliar de praças, que já possuem o curso técnico de enfermagem e ingressam através de processo seletivo, para ambos os sexos, e por Oficiais Enfermeiros, com graduação superior, que ingressam através de concurso público para ambos os sexos e ainda por civis admitidos também por concurso público.

CAPÍTULO II - REFLETINDO SOBRE A IDENTIDADE PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM

2.1 - A ENFERMAGEM COMO PROFISSÃO - ALICERCES HISTÓRICOS

Neste estudo, partimos do entendimento que a identidade profissional da enfermagem começa a ser sistematizada no interior dos espaços de formação, no entanto carrega algumas heranças e ao mesmo tempo rompe com outras oriundas de sua identidade pré-profissional quando se analisa a reprodução de práticas e suas representações. Deste modo, torna-se oportuno realizar um breve resgate histórico da profissionalização da enfermagem, para que seja possível compreender algumas marcas que se perpetuam na identidade da enfermagem, e que tiveram origem no passado da profissão. A compreensão da maneira como se estrutura uma profissão na atualidade, subentende a necessidade de conhecer os processos históricos que marcaram a evolução da profissão e seu ensino, possibilitando um melhor entendimento dos aspectos que serão analisados com essa pesquisa.

A enfermagem possui imagens dúbias ao longo de sua construção como profissão. Este aspecto pode ser exemplificado com as imagens presentes no senso comum, do passado ou do presente, como anjos, santas, prostitutas ou símbolos sexuais. A construção desse tipo de imagem profissional possui raiz e sentido na história da profissão em que a mesma era exercida pela vocação cristã, ou como forma de penalidade por eventuais desvios morais, além do misticismo existente ao redor das mulheres que detinham o poder de cura na Idade Média. Apesar da evolução do perfil profissional, essas imagens ainda apresentam resquícios no imaginário socioprofissional (Gomes e Oliveira, 2005).

A prática de enfermagem foi orientada em torno de uma dicotomia religiosa e secular. Por um lado, como trabalho missionário e de sacrifício quando exercido por pessoas ligadas a ordens religiosas e, por outro, um trabalho ligado ao emprego doméstico e desempenhado por pessoas sem qualificação. Ambos ligados ao trabalho manual e subalterno.

Com o advento do cristianismo e o poderio da Igreja, a prática da enfermagem passa a ser exercida por religiosas, já que a concepção de saúde e doença estava relacionada ao

aspecto religioso, com a crença de que a humanidade estava subalterna a um Deus que é misericordioso, mas que também figura como um castigador. Desta forma, atribuiu-se a saúde um sentido de agrado a Deus e a doença passa a ser entendida como um castigo. Nesse cenário, os executores do que poderia se relacionar com o trabalho de enfermagem eram pessoas ligadas à igreja, afinal, com esta visão, cuidar dos doentes significava se aproximar de Deus e se redimir dos pecados. Este período imprimiu profundas marcas na história da humanidade, e em função delas estão impressas até hoje em valores e condutas cotidianas.

Historicamente, a profissionalização da enfermagem se deu a partir do século XIX, primeiramente na Inglaterra, com a enfermagem hospitalar. Lima (2010) nos lembra que a profissionalização da enfermagem foi um fator relevante na transformação do hospital em um local de cura.

Os hospitais antes do século XVIII eram instituições de assistência aos pobres, não eram instituições hospitalares visando à cura do doente, tal qual o conhecemos hoje. O personagem central era o pobre que estava morrendo e o cuidado de enfermagem, então sob a mediação do modelo religioso de assistência,

[tinha] como finalidade principal o conforto da alma do paciente, e as técnicas de enfermagem eram simples procedimentos naturais próprios dos cuidados domésticos dispensados pelas famílias às crianças e aos seus doentes, tais como dar banho, fazer curativos, fornecer alimentos e dieta líquida e proporcionar conforto físico e espiritual a todo paciente, especialmente o moribundo [...]. A função essencial do hospital é a assistência espiritual mais do que a material, oferecendo aos doentes os últimos cuidados e o último sacramento na transição da vida para a morte, aliada à função de separação dos indivíduos perigosos para a saúde geral da população (Lima, 2010, p. 38).

Foucault (1978) afirma que somente em torno de 1780, o hospital passa a ser considerado como um local destinado a curar. O autor revela ainda o papel relevante dos hospitais militares e marítimos que serviram de ponto de partida para reorganização hospitalar já que “as regulamentações econômicas tornaram-se mais rigorosas no mercantilismo, como também o preço dos homens tornou-se cada vez mais elevado” (Foucault, 1978, p.61). É nesta época que a formação do indivíduo, sua capacidade, suas aptidões passam a ter um preço para a sociedade. Tendo como base os hospitais militares, havia uma necessidade emergente de realizar a cura dos soldados, pois muito foi investido na formação dos mesmos.

O modelo religioso sofre algumas alterações na transição do Feudalismo para o Capitalismo, em função de que o primeiro já não é capaz de propiciar a organização do espaço hospitalar, que é modificado com este novo modo de produção. O hospital, de um lugar em que as pessoas iam apenas para esperar pela sua morte, transforma-se em um espaço de cura. O modelo religioso de enfermagem emerge no mundo cristão, atravessa a Idade Média e vai se defrontar com o capitalismo na Inglaterra, no final do século XVIII, e com a ascensão da burguesia e sua instalação como classe social dominante, que dará o significado de arte ou vocação à prática de enfermagem, para tornar possível o treinamento de alguns agentes. Portanto, no capitalismo, o modelo religioso é substituído pelo vocacional.

Como o hospital inicialmente não era um local destinado à cura, como alega Foucault (1978), e sim um local de assistência àqueles que se encontravam diante da morte, a presença mais marcante nesses locais era de religiosas, que faziam uma caridade de fornecer um alento ao pobre no momento da morte. Lima (2010) reforça que este cenário sofreu uma mudança com o enfraquecimento do feudalismo, pois a partir de então a medicina tende a ser incorporada ao Estado, devido a preocupação com o controle das epidemias, que acarretavam uma incapacidade para o trabalho. Deste modo, como a medicina passa a ser uma função do Estado, a Igreja se retira deste papel de assistência e muitas ordens religiosas são fechadas.

A partir do momento que o cuidado ao doente passa a ser uma preocupação, a mulher passa a ser representada como uma cuidadora em potencial, pois a noção de cuidado passa a ser considerada uma característica “inata” do ser feminino.

Entre os antecedentes mais importantes da profissionalização da enfermagem, incluem-se a Guerra da Criméia (1854-1856) e o trabalho realizado por Florence Nightingale junto aos soldados. Florence desempenhou papel fundamental na organização das enfermarias e do atendimento, já que esses hospitais militares encontravam-se desequipados, resultando em um alto índice de mortes.

De acordo com registros históricos, em 1854, Florence Nightingale, nascida em 1820 na cidade italiana de Florença e filha de pais ingleses, recebe um convite oficial do governo inglês para trabalhar nos hospitais militares durante a Guerra da Criméia. Oriunda da aristocracia inglesa e com alguma experiência em administração de asilos, cria ali as

bases de uma nova profissão, pois ao encontrar dificuldades na seleção de pessoas que deveriam acompanhá-la na sua ida para os hospitais militares da referida guerra, vê despertar o seu interesse para o problema e detecta a necessidade de treinar as pessoas recrutadas para garantir um melhor desempenho de suas funções nos serviços de saúde prestados aos militares ingleses. Florence fazia parte da elite econômica e social e era amparada pelo poder político. Possuidora de conhecimentos de enfermagem e portadora de aptidão vocacional para tratar de doentes, foi a precursora dessa nova enfermagem que se encontrava vinculada à política e à ideologia da sociedade capitalista.

Silva (1986) ressalta que o nome de Florence ligou-se em definitivo à história da enfermagem moderna por ter sido a principal responsável pela fundação de uma escola destinada a formar pessoas para uma prática de enfermagem redimensionada aos novos tempos. De acordo com a literatura, o cuidar se tornou profissão, no momento em que foi criada a primeira escola de enfermagem, a Escola Nightingale, que nasceu junto ao Hospital St.Thomas, em Londres. Para a autora, as metas da Escola Nightingale eram preparar pessoal (nurses) para exercer os serviços usuais de enfermagem hospitalar e domiciliar e o preparo de pessoas “mais qualificadas” para as atividades de supervisão, administração e ensino (ladies-nurses). A partir da reforma Nightingale, a natureza do trabalho de enfermagem foi reestruturada, dissociando gradativamente do trabalho doméstico que estava vinculado antes da profissionalização, conferindo uma nova identidade a esse grupo profissional. A partir da transformação da enfermagem doméstica, novas exigências foram sendo incorporadas a profissão, ampliando-se a noção de requisitos e competências para o trabalho da enfermeira.

Silva (1986) chama a atenção para o fato de “a profissionalização da enfermagem se processou basicamente através de duas categorias sociais distintas: a das ladies-nurses e a das nurses. As primeiras, oriundas da burguesia, da pequena burguesia ou da aristocracia inglesa; as últimas, oriundas do proletariado” (Silva,1986,p.54).

A seleção de candidatas ao curso da Escola Nightingale delimitava um modelo de profissional e imprimia identidade à candidata, que eram mulheres, solteiras e vocacionadas. Esta passagem da enfermagem doméstica para a enfermagem organizada, constituiu-se em uma referência para a construção da identidade como grupo sócio profissional. Deste modo, a enfermagem moderna manteve algumas marcas da imagem

caritativa da profissão, mas rompeu com as marcas do chamado “período negro” da enfermagem, quando era exercida por prostitutas e mulheres de baixo padrão moral, que executavam o cuidado aos doentes em troca de dinheiro. Para isso, Florence Nightingale teve um papel fundamental, por ser uma mulher de alta classe social, imprimiu a profissão uma nova marca, de uma profissão considerada adequada para mulheres de alto padrão social.

Conforme a orientação nightingaliana, esse modelo de formação se estrutura com base nos seguintes princípios: uma escola própria para a formação, dirigida por enfermeira, anexa aos hospitais e com internato para que as alunas pudessem viver a escola como espaço de convivência e de formação ético-moral, conduta ascética e caridosa; seleção rigorosa das alunas, todas do sexo feminino e dotadas de valores morais, físicos, intelectuais e aptidão profissional; ensino metódico com fundamentação em anatomia, fisiologia, biologia, química etc.; instituição de formas organizativas de ex-alunas para normatizar o exercício profissional, preservar os princípios básicos da profissão e divulgar os conhecimentos produzidos; e fundamentação do cuidado dos enfermos e necessitados, da administração do espaço hospitalar e do ensino em enfermagem (Pires, 1989).

Já institucionalizada na Inglaterra a nova profissão se destaca, impulsionada pela Escola Nightingale, propondo a formação de mulheres com vistas a uma nova prática, e se expande para outros países como os Estados Unidos da América, entre os anos de 1873 e 1875. Este aspecto reveste-se de especial importância, pois foram enfermeiras americanas que vieram para o Brasil com o intuito de instalar e organizar a primeira escola de Enfermagem em nosso país, trazendo não só a estrutura de ensino, mas também a disciplina rigorosa, que procurava desenvolver nas alunas, traços de caráter e comportamentos considerados desejáveis a uma boa enfermeira como lealdade, sobriedade, honestidade, serenidade, espírito de organização, correção e elegância, entre outros. Assim pode-se dizer que a enfermagem moderna que se organiza a partir de Florence, reproduziu muitas características do modelo religioso e militar, pois a hierarquia e a disciplina foram legitimadas no trabalho de enfermagem.

A origem da enfermagem no Brasil, assim como na Inglaterra, também está ligada ao voluntarismo de guerra. Tal qual Florence, Ana Nery imprimiu valores militares a profissão como abnegação, obediência e dedicação. Anna Justina Ferreira Nery, brava

mulher que foi para Guerra do Paraguai (1865-1870), semelhante a Florence, rompe com os paradigmas daquela época que faziam da mulher uma prisioneira do lugar. O contexto de sua ida se reporta ao fato de seus filhos terem sido convocados para servir a Pátria. Anna Nery não resiste a separação de sua família e escreve ao Presidente da Província, colocando-se a disposição do país. Aceito o oferecimento embarcou no dia 13 de maio de 1865 para os campos de batalha. Onde não havia hospitais ela os improvisava e não se poupava na dedicação aos feridos, a qualquer hora do dia ou da noite. Recebeu o título de “Mãe dos Brasileiros”. Só depois de cinco anos de trabalho, terminada a guerra, voltou para o seu lar. Muitos anos depois, em 1926, seu nome foi dado à primeira Escola de Enfermagem do sistema nightingaleano, instalada no Rio de Janeiro.

Acerca da enfermagem brasileira, Silva (1986) esclarece que

o ano de 1922 representa um marco de extrema importância: o do advento da enfermagem moderna no país, 63 anos depois de seu surgimento na Inglaterra. Antes desta data, a enfermagem, aqui, estava nas mãos de irmãs de caridade e de leigos (recrutados sobretudo entre ex pacientes e serventes dos hospitais), quase que exclusivamente à mercê do empirismo de ambos, forjado no embate das exigências concretas das rotinas das Santas Casas de Misericórdia espalhadas pelo Brasil. (Silva, 1986,p.75)

A mesma autora acrescenta que dentre os antecedentes específicos imediatos do surgimento da enfermagem profissional no Brasil, se destaca a fundação em 1916 da Escola da Cruz Vermelha brasileira, que foi fruto de um movimento internacional para melhorar as condições de assistência aos feridos da Primeira Guerra Mundial.

Lima (2010) ressalta que diferentemente da Inglaterra e dos Estados Unidos, a enfermagem no Brasil, institucionaliza-se como profissão a partir do trabalho de saúde pública e não do trabalho hospitalar. Foi devido à necessidade de técnicos qualificados de nível médio para a área sanitária que o Estado brasileiro, em 1923, assumiu a profissionalização das enfermeiras de higiene, com a criação da Escola de Enfermeiras vinculada ao antigo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), denominada Escola de Enfermagem Anna Nery em 1926. O modelo nightingaleano instala-se no Brasil com a Missão Parsons, um grupo de enfermeiras norte-americanas que, sob a liderança de Ethel Parsons, aqui chegam para organizar a Escola de Enfermeiras, financiada com recursos da Repartição Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller.

Deste modo, apesar das diferenças citadas, o fato de terem sido projetadas por enfermeiras norte-americanas imprimiu os traços do modelo americano. Feitas as devidas restrições, algumas características semelhantes podem ser destacadas no nascimento da enfermagem profissional no Brasil e na Inglaterra. Silva (1986) destaca que em ambos, o processo de profissionalização se efetuou através “da arregimentação de parcelas diversificadas da população feminina, com vinculações de classe dicotômicas: o proletariado fornecendo atendentes de enfermagem; a burguesia fornecendo candidatas para o curso de enfermeiras” (Silva,1986, p.79).

Diante destes aspectos, é possível perceber que a figura do homem não aparece em destaque nos primeiros tempos de profissionalização da enfermagem, tendo em vista que o modelo nightingaleano preconizava as mulheres como perfil profissional da enfermagem. Porém, ao se reconstruir a história da profissão podemos constatar a presença masculina desde o período pré-profissional da enfermagem. Segundo Pereira (1991), o homem aparece na enfermagem, em decorrência da grande influência das ordens religiosas e militares, pela necessidade da força física nas áreas da psiquiatria e ortopedia. Uma outra explicação para inserção do homem na profissão está no fato de que, como os pacientes eram divididos por sexo nas enfermarias, era necessária a presença masculina na enfermagem para atender setores como a urologia. Desse modo, percebe-se a importância do aspecto cultural na assistência, o que pode ter influenciado a manutenção da figura do homem na enfermagem para tratar os doentes do mesmo sexo.

Pereira (1991) alerta que com a análise da história através dos séculos, é possível encontrar dados que contradizem o mito de que esta categoria é “tipicamente feminina”. O autor destaca a participação de homens jovens no cuidados aos enfermos e idosos no antigo Egito e Roma, prestando assistência aos militares, atletas e gladiadores, e posteriormente, com a evolução social trazida pelo cristianismo, a ajuda e a assistência aos enfermos estavam em mãos tanto de mulheres como de homens. Dentre esses homens que se dedicavam ao cuidado, encontramos os religiosos e os militares, pertencentes a uma casta privilegiada, sendo estes os grandes responsáveis pelo surgimento do homem na profissão, com uma estreita relação entre as Guerras e a vida religiosa e com a presença masculina no cuidado aos enfermos.

Acerca de figuras masculinas marcantes na história da enfermagem, Pereira (1991) destaca que por volta do séc. XII, encontra-se a figura de São Francisco de Assis, que apesar de sua posição social privilegiada, se dedicou ao ideal cristão, se dedicando ao cuidado de leprosos, além de fundar uma ordem que é apontada como relevante no progresso da enfermagem. Um outro nome que se destaca, é o de São Vicente de Paula, que é citado pelo autor, como um precursor da enfermagem moderna, pois buscou a organização, melhorando a eficiência dos serviços de enfermagem.

De todo modo, do ponto de vista histórico a participação masculina no cuidado não mereceu destaque, gerando uma identificação da profissão como eminentemente feminina. Isso fez com que as representações da enfermagem interferissem poderosamente na formação da identidade profissional, que reforçado pelo modelo nightingaleano, manteve a hegemonia feminina na profissão.

Campos e Oguisso (2008) relatam que o primeiro homem a estudar na Escola de Enfermagem da USP foi Beoni de Sousa Lima em 1947, este anteriormente atuava como “enfermeiro prático” e posteriormente rompeu com a hegemonia feminina ao ser aceito no curso de enfermagem. Os autores alegam que esta entrada do homem na profissão foi fundamental para iniciar o rompimento das antigas representações acerca do profissional da enfermagem.

Costa (2010) ao realizar um levantamento acerca dos homens formados na Escola de Enfermagem da USP, no período de 1950 a 1990, identificou que a proporcionalidade entre enfermeiros e enfermeiras é discrepante, pois se formaram, na EEUSP, 36 enfermeiros e 1930 enfermeiras no período mencionado, mostrando assim imensa desigualdade de gênero. Outra variável importante que o autor destaca, refere-se à quantidade de homens formados por década, sendo 5 na década de 1950; 4 em 1960; 14 em 1970 e 13 em 1980, indicando um pequeno aumento nas duas últimas décadas estudadas, porém, pouco expressivo, se comparado ao grande contingente feminino.

Ao longo dos anos, a enfermagem foi se consolidando como profissão, no entanto, sua trajetória foi marcada por lutas visando a conquista de espaço e por uma crescente busca por autonomia, tentando desfazer a imagem de submissão à medicina. Dentre os pesquisadores que analisam a formação da enfermagem enquanto profissão, Pires (1989, p.12) indica que, “as causas da problemática da enfermagem não seriam encontradas com a

continuidade da postura histórica da categoria de só realizar análises internas à profissão, refletindo de modo acrítico as articulações feitas no campo social e assumindo uma posição passiva ante as determinações da política de saúde [...]”. Com isso, a autora destaca a necessidade de ampliação das discussões acerca desta profissão, para além dos aspectos internos, onde a preocupação não seja apenas com o aprimoramento dos conhecimentos técnicos, mas que inclua questionamentos sobre as políticas onde a enfermagem se insere.

2.2 - CONSTRUINDO A IDENTIDADE DA ENFERMAGEM

Reconstruir historicamente a profissionalização tornou-se necessário, para que fosse possível compreender de que forma ocorreu o processo de feminização da enfermagem, e para que possamos compreender de que forma essa profissão se transformou em um espaço socialmente definido como feminino. Segundo Barreira (1999) os estudos históricos interessam sobremaneira à enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da auto-estima coletiva e a tarefa de (re) construção da identidade profissional.

A enfermagem é um campo de atuação profissional que ilustra a feminização do serviço, pois ainda hoje persiste um número muito maior de mulheres na profissão tanto nos níveis técnico, quanto no superior. De acordo com os dados do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), publicado em março de 2011, os profissionais de enfermagem são 1.449.533 profissionais em todo o Brasil, sendo deste total 19,81% de enfermeiros, 43,18% de técnicos e 36,80% de auxiliares de enfermagem. A pesquisa confirma que a maioria dos profissionais de enfermagem é do sexo feminino, os quais correspondem a 87,24% dos profissionais do Brasil, já os do sexo masculino correspondem a 12,76% do total dos profissionais de enfermagem, conforme tabela abaixo.

Sexo	Quantidade	%
Feminino	1.264.641	87,24
Masculino	184.942	12,76
Total	1.449.583	100,00

Fonte: Cofen,2011.

A proporcionalidade da distribuição dos profissionais do sexo feminino e masculino pelas macrorregiões brasileiras é praticamente uniforme, apresentado pouca variação. A macrorregião que apresenta a maior proporção de profissionais de enfermagem do sexo feminino é a Nordeste com 90,08% dos profissionais, e a que apresenta maior concentração de profissionais de enfermagem do sexo masculino é a macrorregião Norte com 14,30% dos profissionais.

A pesquisa aponta que a distribuição dos profissionais de sexo feminino e masculino pelas categorias profissionais é quase constante, apresentado pouca variação de uma categoria para outra (menos de 2%), exceção para a categoria profissional das parteiras onde o sexo feminino é mais de 99% e na qual só há um profissional do sexo masculino, o qual está no Estado do Pará. Na categoria de enfermeiros, observa-se 88,02% de mulheres e 11,98% de homens; dentre os técnicos, 86,85% são mulheres e 13,15% são homens; e dentre os auxiliares, 87,29% são mulheres e 12,71% são homens.

Uma das explicações para essa feminização da profissão, segundo Lopes e Leal (2005, p.124) é que “[em] princípio, poder-se-ia dizer que existe no meio da enfermagem brasileira uma seletividade deliberada baseada no sexo”. A enfermagem pensada no feminino não impõe barreiras sócio-culturais para a atuação profissional feminina, situação diferente em relação ao homem, na medida em que persiste uma certa barreira ao ingresso de homens em determinados campos de atuação como a ginecologia e pediatria.

Essa divisão sexual do trabalho, tão visível na enfermagem, traduz a idéia do natural para explicar a longa e inquestionável dicotomia entre o trabalho de homem e o trabalho de mulher. Lopes e Leal (2005, p.112) ressaltam que

A relação que existe entre as práticas médicas (tratamento) e as da enfermagem (cuidado) traduz, por exemplo, as ligações que existem entre natureza e legitimidade, entre gênero, classe e poder. A (re) construção cotidiana do poder médico e a dominação que exercem as práticas do tratar sobre as práticas do cuidar se articulam na dupla conjunção entre sexo e classe. Esta conjunção define o conteúdo das primeiras - masculinas, científicas, portadoras de valores de verdadeira qualificação profissional - frente às segundas - associadas às “qualidades” femininas empíricas, etc.

Sendo assim, a profissão de enfermagem normalmente acaba sendo entendida como feminina e o ato de “cuidar” aparece geralmente ligado a categoria mãe, associada a noção de proteção. Por extensão, esse ato aparece sempre sob a responsabilidade das mulheres,

conseqüentemente da enfermagem, enquanto profissão essencialmente feminina. No entanto, como visto acima, os estudos históricos apontam a presença masculina em diversos momentos marcantes da história.

Barbosa *et al* (2008) destacam que além de existir a desvalorização da profissão enfermagem por ser enquadrada como uma simples extensão das atividades femininas realizadas dentro de casa, os homens que decidem entrar nesse universo são erroneamente rotulados de “afeminados”. Tanto que os autores alegam que é comum se ouvir comentários que coloquem em xeque a opção sexual desses homens.

Retomando a discussão sobre identidade profissional, Campos e Oguisso (2008) destacam que é possível definir a identidade de uma pessoa como algo individual, com um conjunto de caracteres próprios e exclusivos como: nome, filiação, local e data de nascimento, profissão, sexo e principalmente se pensada através das impressões digitais, marcas que caracterizam a identidade de uma pessoa. A identidade coletiva seria o conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível e a identidade profissional seria um tipo de identidade coletiva, com base em traços ou características que podem ser reconhecidas naqueles que exercem determinada profissão. Assim, o autor considera possível afirmar que a identidade é algo singular, que confere qualidades e exclusividade ao indivíduo. A análise permite perceber que a noção de identidade implica na atribuição de significados que respaldam os entendimentos e as interpretações que as pessoas têm de si mesmas e do grupo a que pertencem.

Deste modo, é possível pensar a identidade como uma agregação de idéias, papéis, aspectos históricos e culturais que formam elementos que irão atribuir a determinado indivíduo características únicas e impressões de si mesmo enquanto ser humano e membro de um corpo social.

Campos e Oguisso (2008, p.894) advertem que

as constatações permitem considerar que a noção de identidade constrói o outro, pois forja comportamentos, produz reações e representações. Nesta perspectiva, é possível supor que a identidade, ao mesmo tempo em que confere unicidade, pode ser excludente, discriminatória e intolerante, na medida em que refuta experiências adversas, contrárias às preconizadas como ideais.

A imposição de uma identidade feminina a profissão de enfermagem, pode cristalizar representações, assumindo essas representações como correlato de verdades, ao

definir a profissão como própria para mulheres. Essa cristalização interferiu poderosamente na formação da identidade profissional da enfermagem no Brasil, onde foi definido um determinado tipo de mulher, e onde não foram incluídos os homens e as mulheres negras neste padrão (Campos e Oguisso, 2008).

Ao realizar um levantamento bibliográfico acerca do tema identidade profissional Prestes *et al* (2008), buscaram apresentar um estudo sobre a construção da identidade profissional da enfermagem, mostrando o panorama geral das produções nacionais sobre a temática na última década. Por meio deste estudo, as autoras evidenciaram um escasso número de produções sobre o tema e comprovaram através da análise dos artigos, que há uma diversidade de abordagens sobre o assunto, que convergem na tentativa de explicar a complexidade que permeia a construção da identidade em diversas realidades históricas, sociais e culturais cotidianas e individuais.

Segundo Cerqueira e Santos (2010, p.1), “as ocupações femininas e/ou feminizadas são determinadas a partir da cristalização das representações sociais do que vêm a ser as habilidades femininas, que por sua vez, são diametralmente opostas às masculinas.”

No modo de produção capitalista, a divisão sexual do trabalho é algo marcante, sendo possível visualizar uma clara divisão entre trabalho de homem e trabalho de mulher, e, no caso do trabalho de enfermagem, historicamente foi sendo construída a noção de que é um tipo de profissão própria e socialmente adequada para as mulheres. Lopes e Leal (2005) destaca que a marca das ordens religiosas impuseram à enfermagem seu aspecto majoritariamente feminino e caritativo, visto que surge, segundo a autora, como um serviço organizado pela instituição das ordens sacras. Sendo assim, “o tardio processo de profissionalização atesta estas características e reproduz as relações de trabalho sob o peso hegemônico da medicina masculina” (Lopes e Leal, 2005, p109).

As autoras ressaltam ainda que a noção de cuidado enquanto ação concebida como feminina e produto das “qualidades naturais” das mulheres fornece atributos e coerência ao seu exercício no trabalho na saúde. Essa concepção foi reforçada por Florence Nightingale ao institucionalizar uma profissão para as mulheres, para a qual elas são “naturalmente preparadas”. Os valores simbólicos e vocacionais são um exemplo de concepção de trabalho feminino, baseada em um sistema de qualidades ditas naturais, que persistem em influenciar até os dias de hoje o recrutamento majoritariamente feminino da área.

Essa naturalização do cuidado em relação à figura feminina é refutada por Pereira (1991), que alega que a profissão foi relegada às mulheres, pois na verdade essas atividades durante muito tempo foram encaradas como atividades de prestígio social negativo, impregnadas de preconceitos ligados ao trabalho manual de baixa qualificação. Destaca ainda que aos papéis femininos, estão atribuídas características como submissão, dependência e fraqueza.

Chies (2010) chama a atenção para o fato de que em um mesmo campo profissional, as identidades são diferenciadas entre gêneros, levando a crer que até mesmo em uma mesma profissão, homens e mulheres apresentam papéis sociais amplos, determinados e, de certa forma, universais na sociedade que, independente do campo de ação social, esses serão os pontos de referência para as relações de poder.

A autora atenta para o seguinte fato:

Se a subordinação da mulher ao homem é um ponto fixo na mentalidade de uma sociedade, independente de qual profissão que esses venham a se confrontar no campo do trabalho, de médicos a funcionários de limpeza, a mulher, por via de regra social, será menos valorizada nesse quadro, o que inevitavelmente indica que homens e mulheres não podem ter a mesma identidade mesmos que atuantes em uma mesma profissão. Pontos em comum nessa relação surgem, pois falamos de uma mesma profissão, mas existem diferenciais marcados pela questão de gênero. (Chies,2010,p.510)

O aspecto abordado por Chies se confirma ao analisarmos a presença masculina na enfermagem. Observa-se que apesar da predominância feminina, percebemos a presença dos homens em cargos de gerência nos hospitais, a frente do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), dos Conselhos Regionais e das entidades de classe como a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) e Sindicatos. Em que pese o fato de atualmente a presidência do Cofen ser exercida por uma mulher, nas três últimas gestões foi presidido por homens. Constata-se ainda que à frente dos Conselhos Regionais dos 26 Estados e do distrito Federal, encontramos 14 homens e 13 mulheres. Tendo em vista que o quantitativo de mulheres na profissão gira em torno de 90%, esse dado revela a predominância dos homens à frente dos cargos de gestão.

Simões e Amâncio (2004) reforçam esta teoria ao afirmarem que mesmo os homens sendo minoritários ao nível da prática de cuidados estão, no entanto, sobrerrepresentados

em todos os níveis de gestão e supervisão. Os mesmos autores usando como base os estudos de Heykes (1991) e Skevington e Dawkes (1988) afirmam que:

as dinâmicas verificadas nas profissões masculinas e que afetam negativamente a integração das mulheres não se verificam na situação simétrica de integração dos homens nas profissões femininas; além disso, a pertença sexual, verdadeiro marcador social, no caso das mulheres, que são vistas como femininas nos contextos ditos femininos e como masculinas nos contextos ditos masculinos, também não se aplicam aos homens, que são vistos e se vêem a si próprios fundamentalmente como profissionais. (Simões e Amâncio, 2004, p.3)

Lopes e Leal (2005) apontam que a predominância feminina no cuidado e na enfermagem faz com que ainda se identifique um discurso homogêneo em relação ao sexo, e ainda a permanência de certos símbolos e situações que atestam que a profissão não seria valorizante para a imagem social do homem. Sobre este aspecto, Filho, Vilela e Bernardes (2010, p.3) reforçam que:

Em síntese, o poder que se exerce nas relações de gênero é resultante de representações sobre mulheres e homens, presentes no imaginário social a partir das diferenças biológicas existentes entre os sexos. Essas representações vão integrando um sistema simbólico e de valores carregado de estereótipos que ditam o que é apropriado para mulheres e para homens, sendo naturalizados e veiculados pelas instituições sociais (família, escola, igreja, mídia) e incorporados subjetivamente, influenciando, profundamente, a formação da identidade gênero.

Os autores acima realizaram um levantamento da produção bibliográfica sobre gênero e trabalho em enfermagem e constataram que questões sobre gênero feminino são muito discutidas na enfermagem de uma forma geral, porém pouco se pesquisa sobre o trabalho em enfermagem relacionado ao gênero masculino, mostrando a grande escassez de pesquisas acerca do respectivo assunto.

Apesar do reflexo do modelo profissional de enfermagem instituído no país, o corpo profissional da enfermagem brasileira, continua sendo constituído em geral por mulheres. No entanto, Lopes e Leal (2005), afirmam que o ingresso masculino na profissão continua estável e crescente.

Devido ao processo histórico da profissão já descrito, em diversos estudos sobre a enfermagem, emerge a discussão de gênero, considerando que este aspecto relaciona-se diretamente com o contexto social no qual estão inseridos os sujeitos, mais do que com questões biológicas. Como indica Moraes (2000, p.94),

a expressão "relações de gênero", tal como vem sido utilizada no campo das ciências sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma *essência masculina* ou *feminina*, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens. Em outras palavras, o que chamamos de *homem* e *mulher* não é o produto da sexualidade biológica mas de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder. A categoria gênero ressalta a dimensão "flutuante" do ser homem e do ser mulher e, nessa medida, precisa recorrer a outras teorias para dar conta desta situação de amálgama entre o ser biológico e o ser social.

Giffin (2005) aponta que a questão do masculino emergiu com força nos estudos de gênero no Brasil nos últimos anos. Inicialmente os movimentos feministas vetaram a participação dos homens na discussão, pois era um momento de luta contra a dominação. A autora ressalta que a questão da mulher começou a ocorrer nos países centrais do capitalismo logo após a II Guerra Mundial, momento em que concomitante com o crescimento econômico de então se amplia a demanda do mercado de trabalho para jovens mulheres.

Moraes (2000, p.2), por outro lado, indica que o manifesto comunista de 1848, de Marx e Engels, historiciza as instituições humanas possibilitando “a compreensão da família como um fenômeno social em que a divisão social do trabalho é também uma divisão sexual entre funções femininas e masculinas”. Atualmente já é possível encontrar estudos de gênero que se referem aos homens ou ao gênero masculino, que antes estavam restritos ao gênero feminino, principalmente pelos movimentos feministas. Giffin (2005, p.56) destaca que o gênero está envolvido com uma forma de estruturar a prática social:

Desta perspectiva, qualquer tentativa de estudar as relações de gênero precisa avançar além da descrição da evolução de “diferenças culturais” (entre mulheres, ou entre mulheres e homens) e da constatação abstrata da construção social das relações de gênero, para as investigar como elementos da política econômica atual, implicadas numa dinâmica global de dominação de nações e classes sociais e de mercantilização da vida.

Apesar de este não representar um estudo de gênero, constatamos inevitavelmente estes atravessamentos de gênero em diversos estudos que abordam a identidade profissional da enfermagem, já que esta é um tipo de identidade baseada em traços e características comuns aos que exercem a mesma atividade. Na enfermagem acabou sendo estereotipado que a profissão é exercida por mulheres, onde a figura da enfermeira continua a marcar a

identidade da profissão e isso explica a pouca referência de estudos que abordem o universo dos homens na enfermagem.

Essa perpetuação do entendimento da enfermagem como atividade feminina faz com que muitos homens que optam pela profissão sejam erroneamente rotulados, por conta da sua opção profissional. Esses aspectos acabam por negar a essência humana de cada pessoa, havendo uma rotulação das características femininas e masculinas. Como se um homem cuidando deixasse de ser masculino, e uma mulher atuando em um trabalho de força e bravura, deixasse de ser feminina.

Dentre os autores que realizaram pesquisas acerca do universo masculino na enfermagem, destacamos os trabalhos de Filho, Vilela e Bernardes (2010); Pereira (2008) e Wainberg (2004). Estes autores destacam a pouca produção bibliográfica de estudos que abordem o universo masculino, e é possível perceber uma grande lacuna deste tema. Quanto à abordagem ao homem militar na enfermagem, esta lacuna se torna ainda maior, destacando-se apenas o trabalho de Júnior (2000). Esse autor fez uma análise sobre as representações do cuidado em sargentos formados pela Escola de Saúde do Exército e observou um cuidado de enfermagem prestado de forma distante e fria, quase descompromissado, já que para o sargento de saúde, o paradigma militar é bem entendido e consolidado, já que lhe é apresentado desde o primeiro momento em que entra para a instituição e este também lhe é cobrado no seu dia a dia.

Rodrigues (2001) aponta que contraditoriamente, é possível perceber no momento atual, que essa concepção de enfermagem enquanto vocação e do enfermeiro enquanto aquela pessoa que ajuda, que se doa, não é compatível com o modo como vivemos, em que o trabalhador enfermeiro precisa vender a sua força de trabalho para garantir a sua existência.

Diante disso, a discussão dos aspectos relacionados a identidade profissional da enfermagem é útil para a desconstrução dos estereótipos na enfermagem, sem negar as diferenças entre enfermeiros e enfermeiras, mas respeitando que acima de tudo são seres humanos, dotados de sensibilidade independente do sexo. Desta forma, os universos simbólicos masculino e feminino que sustentam as culturas profissionais, podem exercer influência na identidade profissional.

2.3 - O TRABALHO E A IDENTIDADE PROFISSIONAL

Tendo em vista que a pesquisa em questão trata da formação do militar na enfermagem e a sua identidade profissional, torna-se necessário abordar as discussões acerca do significado do trabalho e as suas reflexões na identidade profissional. O trabalho possui uma relevância na vida dos sujeitos, pois representa um meio de prover o seu sustento e de inserção do indivíduo na sociedade em que vive, ocupando posição de destaque na vida dos grupos e dos sujeitos em particular.

Stutz(1998, p.47) acerca do trabalho ressalta que:

[ao] mesmo tempo que pode proporcionar ao indivíduo satisfação de suas necessidades básicas (ainda que em muitos casos precariamente), confere a ele uma identidade como ser social, dando sentido a sua vida. Por meio dele, o homem transforma suas condições de existência e é transformado por elas. Ou seja, desde o nascimento até a morte, o homem vivencia experiências com um mundo por ele produzido, sendo, pois, o caráter social desse processo evidenciado pela relação indivíduo-sociedade e sua dependência em relação ao grupo que o cerca.

Nesse aspecto, o trabalho não é em primeira instância apenas a relação salarial ou o emprego, mas um modo de inserção social. O homem constrói a sua história ao compartilhar o cotidiano com outros homens, o que significa dizer que o processo de construção de sua identidade se processa ao longo de sua vida. O local de trabalho possui uma função determinante na vida dos sujeitos, pois produz relações importantes entre os indivíduos, um aspecto que se torna mais relevante em se tratando de um ambiente militar, pois a formação militar objetiva uniformizar o comportamento dos indivíduos. Sendo assim, a identidade profissional está vinculada ao papel ocupacional a ser desempenhado pelo indivíduo no meio em que está inserido.

Vários trabalhos voltados para o universo do trabalho da enfermagem mostram uma certa insatisfação com a profissão, onde aspectos como desvalorização do trabalho, falta de reconhecimento e estímulo, são apontados como causadores de uma freqüente desmotivação com a profissão. O exercício profissional pode acarretar *stress*, angustias, mas também pode representar um espaço de realização. As experiências cotidianas podem influenciar o trabalho e o trabalho também pode produzir reflexo na vida dos sujeitos, e

deste modo, os indivíduos tendem a analisar as vantagens e possíveis dificuldades ao escolherem seguir determinada profissão.

Contudo, o aspecto relacionado ao acesso ao mundo do trabalho, tem sido um fator importante na procura por cursos de enfermagem em ambos os níveis (técnico médio e superior), uma vez que o mercado de trabalho tem tradicionalmente absorvido grande quantidade de pessoal da enfermagem (Serra, 2008). A procura pela carreira militar também pode ser explicada pela garantia de estabilidade e manutenção do trabalho. A enfermagem, apesar de não ser uma profissão que proporciona uma significativa ascensão financeira aos seus exercentes, apresenta ainda nos dias atuais uma ampla oferta de emprego, podendo ser este um motivador na escolha da profissão. Esses aspectos demonstram uma contradição na escolha da profissão, pois apesar das constantes queixas de baixo reconhecimento, as possibilidades de emprego parecem prevalecer, e observamos um crescente aumento destes profissionais, com uma crescente oferta de cursos e faculdades de enfermagem.

Com o objetivo de observar a inserção das ocupações técnicas nos serviços de saúde do país, Vieira *et al* (2004) analisaram as pesquisas de Assistência Médico-Sanitária (AMS) do IBGE, relativas aos anos de 1999 e 2002, e verificaram que dentre as ocupações de nível técnico/auxiliar e elementar em saúde, o maior quantitativo são de trabalhadores da enfermagem. Em 1999, os dados revelam que existiam um total de 521.723 trabalhadores nessas ocupações, sendo que 387.370, ou 74,63%, eram trabalhadores da área de enfermagem. Em 2002, o número total de trabalhadores foi de 626.160, sendo 471.904, ou 75,36%, de trabalhadores da enfermagem. Utilizando a mesma fonte de dados, os autores analisaram as principais características do mercado de trabalho da enfermagem, mostrando que a região Sudeste concentra mais da metade da força de trabalho em saúde, havendo uma predominância de profissionais de nível auxiliar empregados principalmente no setor público.

Quanto aos cursos de graduação em enfermagem, pesquisa do Ministério da Saúde, publicada em 2008, demonstra um aumento considerável dos cursos de graduação em enfermagem, com um crescimento de 209,3% no período de 1995 a 2003. A mesma pesquisa destaca que dentre os fatores favoráveis para o grande crescimento dos cursos, destacam-se à alocação de enfermeiros em serviços; a flexibilização do mercado de

trabalho em geral e em particular no setor saúde e as políticas públicas de saúde, que vem ampliando substancialmente o mercado de trabalho setorial.

Em recente levantamento efetuado pela Divisão Pedagógica e Educacional da Escola de Saúde do HNMD, foi elaborado um relatório com base em encontros realizados com os alunos do curso de Especialização em enfermagem, que constatou que referente ao aspecto ingresso na Marinha, a maioria dos alunos escolheu a Força levando em consideração o fator “estabilidade financeira”. Ao iniciar a coleta de dados para essa pesquisa, verifiquei também que os alunos atuais visualizam benefícios em cursar enfermagem visando uma perspectiva de mercado fora da Marinha.

As transformações ocorridas com o indivíduo ao longo de sua trajetória profissional, são muita das vezes provenientes de suas experiências no campo do trabalho, mostrando que os aspectos motivacionais não estão focados apenas no indivíduo, mas se relacionam com as influências advindas das relações e experiências vividas no exercício profissional. A construção da identidade passa pela relação homem-organização social, ou seja, pelo processo dialético entre as realidades objetivas e subjetivas, em que o ser e o estar sendo relacionam-se ao processo de busca constante de informações e conhecimentos.

Diante destes aspectos, nos interessa conhecer como se dá o processo de construção da identidade desses alunos militares que ingressam para cursar enfermagem. Depois de vivenciarem a formação militar, intriga o fato de como esses alunos percebem a formação profissional em enfermagem, e de que forma os estigmas e simbolismo da enfermagem como profissão feminina são sentidos/vivenciados por estes sujeitos.

CAPÍTULO III - A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS ALUNOS.

Neste capítulo analiso o discurso dos alunos do curso de Aperfeiçoamento em enfermagem buscando analisar o processo de construção da identidade profissional dos alunos militares que ingressam no curso, identificar os elementos identitários envolvidos nesse processo e as concepções dos alunos sobre a identidade profissional do militar que atua na enfermagem. Diante do contexto no qual os alunos estão inseridos, torna-se necessário abordar ambos os processos de profissionalização, o militar e o de enfermagem.

A análise baseia-se no depoimento de 9 (nove) alunos, na faixa etária entre 29 a 32 anos. Essa uniformidade da faixa etária se dá por conta da idade média de ingresso nas Escolas de Aprendizes, pois a maioria dos alunos iniciou a formação no mesmo ano, ou com diferença de um ano apenas, não cursando necessariamente nas mesmas Escolas, já que a Marinha dispõe de Escolas de Aprendizes em vários Estados do país.

Existe um tempo previamente estabelecido para que o soldado curse uma especialidade e posteriormente, já como Cabo, faça o curso de Sargento e na seqüência o Aperfeiçoamento. No entanto devido à oferta de vagas nos cursos, e levando em consideração os critérios de antiguidade, o militar pode ter seu curso adiado para o ano seguinte, havendo deste modo uma mescla entre turmas, mas sem, contudo ultrapassar um ano de diferença. A média do tempo de serviço dos entrevistados é de 11 anos, mostrando que a média de idade no ingresso na Marinha foi de 19 a 20 anos.

Quanto à escolaridade, apesar da exigência para o ingresso nas Escolas de Aprendizes ser o ensino fundamental, 5 (cinco) entrevistados possuem nível superior completo (Direito, Pedagogia, Letras, Tecnólogo em Radiologia e Educação Física), 01 encontra-se cursando História e os outros três possuem ensino médio completo.

Os dados coletados no discurso dos participantes foram analisados e agrupados nas seguintes categorias: 1) a carreira militar e seus significados; 2) o contexto militar permeando a escolha e atuação profissional na enfermagem; 3) como vivem e falam sobre a condição de pertencerem a uma profissão historicamente feminina; 4) ser enfermeiro e as relações familiares; 5) as perspectivas na vida profissional e; 6) a identidade profissional utilizada no cotidiano.

3.1 - A CARREIRA MILITAR E SEUS SIGNIFICADOS

Neste item, procuro discutir de que forma ocorreu o início da vida militar dos participantes, mostrando os fatores motivadores para escolha da carreira militar, problematizando este espaço sociocultural e histórico e buscando os atravessamentos desta formação militar na identidade dos participantes.

O título desta dissertação, “Entre a Caserna e o Hospital”, parece indicar que estes ambientes são distintos e foi esse o entendimento inicial. Porém, com o desenvolvimento da pesquisa, notei que em se tratando de um hospital militar, este se constitui também como uma caserna. No meio militar, independente de falarmos de um quartel, um navio, uma escola ou um hospital, todos estes ambientes se constituem como a caserna, onde a hierarquia e a disciplina, consideradas valores militares, estão presentes de forma marcante.

Ao considerar a instituição militar como um objeto legítimo de análise, focalizando a rotina e a vida cotidiana no interior da caserna, Castro (2004) vem preencher uma necessidade que os próprios cientistas políticos levantaram de se estudar a instituição militar em seus aspectos internos. Em seu estudo acerca do espírito militar, citado no capítulo 1, o autor enfatiza que a natureza dinâmica de todas as identidades sociais, e falando especificamente sobre o processo de construção da identidade militar, o autor ressalta que o desafio do pesquisador neste caso não é perceber “o que é”, mas sim “como” se constitui, alertando para o seguinte aspecto:

Creio que a instituição militar apresenta uma armadilha para o pesquisador por possuir um recorte morfológico extremamente claro: muros, sentinelas, uniformes, regulamentos etc. Sem dúvida a morfologia da instituição não pode ser desprezada pelo pesquisador. Mas este deve fugir a tentação de sobrepor àquele aspecto um inventário dos elementos constituintes da identidade militar, deve procurar perceber não “o que é”, mas “como é” essa identidade, quais são seus mecanismos simbólicos (Castro, 2004, p.36).

Portanto, desvelar como é essa identidade tornou-se primordial para a análise dos dados obtidos com as entrevistas. Deste modo, em princípio cabe destacar os motivos que levaram esses sujeitos a optarem pela carreira militar e, segundo os entrevistados, a segurança e a estabilidade surgem como fatores motivadores para escolha da profissão conforme as falas a seguir:

Na época a empresa do meu pai não estava muito bem e eu fiquei naquela, meu pai falou, se você passar no vestibular eu vou te ajudar, e se ele falisse como eu iria me manter e ele manteria a família. Eu já via uma oportunidade de emprego ali, eu pensei, vou fazer isso aí, tanto que eu decidi, eu fui fazendo todos os processos, e só tive a certeza mesmo uma semana antes de embarcar, porque embarcava para a escola de origem que no meu caso era no Espírito Santo.(Saturno)

Eu ingressei por causa do meu avô, foi militar da Marinha e eu sempre achei uma carreira muito bonita, eu sempre gostei desde novo da carreira militar e por causa da estabilidade também. (Urano)

Na verdade meu ingresso na carreira militar foi um sonho de criança apesar de que eu entrei pela porta errada, mas um sonho de criança. Desde aproximadamente 9 anos de idade eu falava, eu quero ser militar, e não só militar como militar da marinha. E quando eu estava por volta dos 16 ou 17 anos eu já queria ter uma emancipação familiar. O que me levou a procurar primeiro empregos paliativos, tipo Mc Donalds, estoquista. Então como eu tinha o mínimo de preparo, eu falei então vou fazer um concurso, no primeiro concurso eu passei e ingressei em 2001, na verdade todos, não vou falar todos, mas 99% dos homens da minha família são militares, então acredito que secundariamente tenha influenciado. É um sangue que já carrego há muito tempo.(Netuno)

Ingressei por influência familiar também, da instituição militar também, enfim, estabilidade financeira e porque eu gosto também. Do jeito que está aí fora, aqui não é a melhor coisa do mundo, mas também não é a pior. (Plutão)

A carreira militar na realidade foi uma necessidade econômica e familiar, então eu vi um anúncio daquele de ingresso para a Marinha um garoto de 17 anos e ia ganhar cerca de R\$ 800,00, achei que seria uma área boa, mas não tinha noção nenhuma do que seria ser militar, então essa foi a necessidade a princípio, a necessidade econômica, terminando o segundo grau então era a primeira opção de trabalho. (Júpiter)

É possível observar nas falas acima, um aspecto relevante que diz respeito à influência familiar na escolha da carreira militar, pois a maioria dos militares possuem uma referência de alguém da família que já era militar. Devido ao cenário econômico atual, a estabilidade financeira aparece como um grande atrativo na carreira militar, pois a garantia de salário e a ausência de chances de desemprego parecem ser grandes motivadores na escolha da vida militar e aparecem com grande frequência na fala dos sujeitos, como motivo de escolha e motivadores de permanência na Marinha.

Movidos por esses mesmos fatores nenhum entrevistado manifestou interesse em deixar a Marinha, e todos são categóricos em afirmar que só deixariam a Marinha caso passassem um algum outro concurso melhor. O fato de agora serem Sargentos, o que significa um posto melhor na escala hierárquica também é visto como um ponto positivo.

Pretendo, por enquanto sim, o que me motiva a ficar, foram os 10 anos de parte médica, parte cabo e marinheiro onde eu já sofri, embarquei, chorei, tive felicidades, conheci muitas coisas e agora quando eu pulei para sargento já fica uma parte menos pesada para carregar.(Netuno)

Pretendo continuar, já entrei no barco, agora meu barco vai até o final.(Mercúrio)

Eu como eu sou formado em direito, eu queria ser delegado, mas como existe uma pequena discordância, em casa porque minha esposa não gostaria que eu fosse, por causa da periculosidade enfim, mas eu vou continuar a fazer as provas, e eu como sou cristão, eu sempre coloco sempre para Deus, se for da vontade dele eu vou conseguir. Eu posso ser o melhor aluno, mas se não for da vontade dele eu não vou conseguir nada, mas eu vou continuar tentando. Mas até que eu consiga, eu não vou pedir baixa, até porque eu tenho família e não posso jogar tudo para o alto e ver o que vai acontecer daqui para frente. (Saturno).

A carreira militar durante muitos anos eu sempre tive a intenção de pedir baixa de sair como vários colegas, só que hoje em dia com a situação do país a gente consegue verificar que existe uma estabilidade, você querendo ou não tem o seu dinheiro certinho.(Júpiter)

Como defendido por Castro (2004), a partir do momento que ingressam nas Escolas de Formação e começam a vivenciar o ambiente militar, ocorre uma mudança na vida dos sujeitos, e essa socialização passa a ser um traço marcante na identidade dos mesmos. O ambiente militar e suas regras são gradativamente aceitos pelos sujeitos e isso marca uma mudança definitiva na sua vida de “paisano” para militar e isso é constantemente ressaltado pelos participantes.

*Para mim foi um início muito assim, “pau é pau, pedra é pedra”, eu fui basicamente[]saí de uma vida paisana, que a gente chama de uma vida **paisana**, uma vida que tem tudo na boca, mamãezinha, carinho e no quando eu fui para o militarismo acabou tudo. Basicamente a gente amadurece uns 10 anos, entrei com 18 anos, longe de casa, longe de tudo e levando aquele sofrimento psicológico, é a hora para acordar, hora para comer, hora para dormir, então foi um verdadeiro assim, um choque muito grande, um trauma muito grande. Quando eu estava assim no recrutamento, que é a prova de fogo, foi uma coisa assim tão forte que foi assim, quando a gente recebeu a primeira visita da família, minha família foi para Natal, que quando minha mãe me viu, basicamente desfigurado, porque são exercícios altamente pesados, que a gente assim fica basicamente...vive aquilo ali todo tempo, toda hora. Então nosso organismo, nossa condições física começa a nossa mudança. Então eu digo assim, no início foi muito duro, muito pesado, mas acho que tudo tem um propósito, e o propósito é[...], foi a gente **ter uma mentalidade militar**, ter uma disciplina, é nunca desistir, se tiver um obstáculo você tem que ir até o obstáculo, tem que lutar contra qualquer desafio para poder alcançar o objetivo. Então é isso que o militarismo faz, para quando a gente for para uma*

guerra real, a gente saber que a gente vai passar por tudo aquilo dali, mas é real e a gente não pode desistir. Eu acho que a dificuldade vale a pena. (Mercúrio, grifos nossos)

O primeiro ano foi muito difícil, eu já escolhi a Escola de aprendizes Marinheiros do ES, porque era a mais próxima do RJ, porque eu sempre fui muito ligado a família então seria um baque a menos, porque você com uma distância muito grande fica muito restrito de voltar para o Rio. E fora que você chega em um ambiente que você sabe que lá pode ocorrer uma punição, você estava acostumado a uma rotina e agora é uma rotina completamente diferente. Você aprende coisas que nunca tinha imaginado, então foi um pouco complicado, mas depois do primeiro ano, ficou um pouco mais fácil. (Saturno)

*O início é difícil, acostumado com a minha mãe, em casa, nunca saí de casa, nunca fiquei fora, passar em ano fora é complicado, no início é uma pressão, acostumado no meio **paisano** a fazer o que quer, chega lá não pode fazer o que quer, é hora para dormir, para tudo, é complicado. Para todo mundo acho que é assim. Foi uma mudança, eu sempre tive disciplina, mas agora... mas nem todos tem aquela disciplina né. (Plutão, grifo nosso)*

No início foi meio puxado, não foi legal não, eu por exemplo, fiquei em Fortaleza, na minha terra. Você estar em casa e estar na situação de internato é uma situação meio complicada. Você esta ao mesmo tempo em casa e não pode sair, só saía final de semana mesmo, isso quando não estava de serviço extra. Então era uma situação assim que mexe muito com você, mas foi uma experiência e passei por essa situação. Ali quebra o cordão umbilical naquele momento. (Marte)

Difícil, difícil porque você vai para uma escola que é fora da sua cidade eu fui para uma escola do Ceará, com 18 anos então você tem uma vida que não há nada de hierarquia, e você começa a ser imposto a algumas doutrinas e tem pessoas que não são seus familiares, não são pai e nem mãe, então ninguém passa a mão, então se você faz o que você acha que é correto e se estiver errado você vai ser punido por isso, claro que no decorrer do ano você acaba se enquadrando as necessidades da organização, e o que é exigido da organização, pelos militares.[...] então assim o início da carreira você tem muitas indagações, assim o início é complicado eu creio que seja complicado, mas é questão de adaptação mesmo depois você se adapta e corre tranqüilamente. (Júpiter)

É possível observar, que o primeiro grande impacto ocorre com o afastamento da família e essa distância é sentida pela maioria. O fato de ficarem em um regime de internato, favorece o que Castro chama de “espírito de corpo”, onde os internos acabam se unindo diante das dificuldades, conforme ressaltado por Netuno: “*eu descobri o que significa irmandade militar, o corporativismo, um apoiando o outro e a gente conseguiu levar isso na boa*”.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas no início da vida militar, todos consideram legítimo esse processo de incorporação do espírito militar e ressaltam que foi necessário para que se tornassem aquilo que são hoje. Percebemos claramente este aspecto

com a fala de Júpiter: “...é eu hoje como sargento eu vejo que é necessário determinadas cobranças no início porque senão você como jovem faz de tudo achando que esta correto e as vezes não está e está fazendo uma atitude errônea, e então é preciso ter um pouco de experiência para você visualizar o global da situação”.

Se tornar militar vai sendo construído a partir da distinção com os paisanos conforme afirma Castro (2004), uma distinção considerada um passo primordial para a instauração do espírito militar. Percebemos na fala de Saturno, que a experiência nas Escolas de formação fazem com que o sujeito jamais volte a ser o que era, apontando pontos negativos do que era antes de ser militar, como irresponsabilidade e falta de seriedade, que não fazem parte da vida do militar.

A carreira, ela te dá um direcionamento bom de vida, muitas pessoas até que não tinham um direcionamento, agiam de forma incoerente, eram meio irresponsáveis, elas passam a ter uma seriedade maior, porque tudo o que você faz que é contrário ao sistema você vai pagar. Então o pessoal tem que pensar muito bem antes de fazer, porque quando você está em casa, os pais sempre passam a mão na cabeça, então você continua fazendo coisas que não deveria mais fazer, que não teria mais idade para fazer. Já na carreira militar não, você entra no colégio interno, fica um ano na preparação na Escola de Aprendizes, então é um ano que se você não se adequar ao esquema, você vai estar dia a dia, hora a hora, pagando por alguma coisa. Chega uma hora que ou vai pedir baixa ou vai entrar no sistema. Ou então nem que você se camufle aquele ano todo, e no outro ano você tente voltar aquilo que você era, mas nem assim você não consegue mais, por que um ano na prática direto ali, você fica esquematizado mesmo.(Saturno)

Alguns relatam ainda que mesmo na fase de adaptação da vida militar, não encontraram dificuldades, como Urano que relata que “o início foi muito bom, eu gostei muito da parte do primeiro ano.[...] a adaptação a rotina militar foi sempre sem problemas.”

É importante ressaltar, que os dados dessa pesquisa se assemelham aos aspectos encontrados por Castro (2004) e outros pesquisadores que refletiram sobre Escolas de formação. Mesmo sendo escolas diferentes e de forças diferentes, pois Castro analisou os internos da Escola de formação de Oficiais do Exército, os valores passados e incorporados pelos ingressantes na carreira são os mesmos, visando a uniformização dos militares como um grupo distinto. Com isso, percebemos em vários momentos do discurso, a referência entre “lá fora” e “aqui dentro”, em uma clara distinção entre os ambientes civil e militar.

A incorporação de hábitos militares é vista de forma positiva, e como destacado por Castro (2009, p.24), “os militares se sentem parte de um “mundo” ou “meio militar” superior ao “mundo” ou “meio civil”, ou mundo dos paisanos: representam-se como mais organizados, mais dedicados, mais patriotas”. O autor destaca que tornar-se militar significa acima de tudo deixar de ser civil, sendo a oposição entre civis e militares estruturantes da identidade militar.

Um aspecto a ser discutido é a maneira como a carreira militar é vista pela família, e os discursos mostram que o fato de as famílias sentirem orgulho da profissão, são pontos que também motivam e se refletem na identidade destes alunos já que, segundo Dubar (2005), a identidade humana é de alguma forma dependente do julgamento de outros. São comuns palavras como “orgulho”, “exemplo”, “mito” ao se referirem ao sentimento da família.

A família é assim, elas falam para mim que eu sou o orgulho da família, o exemplo da família, o exemplo de determinação, exemplo de liderança, digamos assim, é um padrão que todos os meus primos, e meus irmãos deveriam seguir. (Mercúrio)

A parte da minha mãe, dos meus pais sempre adoraram entendeu. Porque a gente vem de origem pobre, classe c, então ter um filho...a gente mora em uma área de risco, então ter um filho que não se envolveu e está na carreira militar, numa profissão, dentro de um ambiente com vários amigos que se envolveram na criminalidade, e outras coisas que não são legais, então os pais sempre apoiaram.(Urano)

Desde que eu entrei só tem felicidades, eles acham muito bom, mesmo porque é uma independência, nada melhor para a mãe e para o pai de uma pessoa que ver o filho estabilizado e encaminhado na vida, caminhando com as próprias pernas. (Netuno)

A minha mãe acha bom, acha a melhor coisa do mundo, mas é muito tranqüilo, para mim é assim, gosto, mas é assim, não acho a melhor coisa do mundo mas também não é a pior, em vista do desemprego que está ai fora, se for pensar assim.(Plutão)

Meu pai é muito feliz comigo, ele acha que eu sou o exemplo na família. Eu tenho mais dois irmãos, e meu irmão e eu fizemos a prova juntos e ele não passou, então meu pai tem essa rixa com ele. Eu falo poxa pai não é assim não, as vezes tem essa discussãozinha, meu pai acha que sou o exemplo que eu sou a honra. Eu falo para o meu pai, não é por ai não a gente procura viver conforme a vida nos leva. Mas meu pai assim, para ele, eu sou o orgulho da família né. Como todo pai fala... (Marte)

Um espetáculo, a família, a minha mãe tem só o segundo grau, então ter um filho na Marinha, geralmente quem está de fora acha que estar na Marinha é o óóó né. (Vênus)

Bem eu sou um mito na minha família, eu venho de uma família bem humilde do Nordeste então a minha família tem eu como um exemplo, me tem como exemplo de quem venceu e conseguiu realmente realizar um sonho e tem vencido até hoje, o meu irmão tentou também a carreira militar e não conseguiu ai eu estou ai representando a minha família ai, da marinha eu sou o representante, não tem nenhuma outra referencia. Não teve nenhum espelho eu fui um marco inicial (Terra).

Percebemos nestes discursos que a origem social mais humilde é um fator que faz com que a carreira militar seja vista com orgulho pelas famílias e seguir a profissão militar significa para os participantes, vencer na vida e alcançar um novo “status” no seio da família e na sua vida profissional. Lanza (2006) afirma que ocorre uma relação dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, ou seja, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada, sendo a aprovação da família um fator relevante na identidade dos participantes.

A análise desta categoria permite compreender as categorias seguintes, pois os aspectos relacionados à carreira militar estarão permeando o discurso dos sujeitos, sempre trazendo uma reflexão sobre a enfermagem, mas acima de tudo sobre o exercício em um contexto militar.

3.2 - O CONTEXTO MILITAR PERMEANDO A ESCOLHA E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA ENFERMAGEM.

Entender os fatores que levaram a escolha da enfermagem dentre todas as especialidades disponíveis na Marinha e compreender como é o cotidiano da prática de enfermagem dentro de um contexto militar são aspectos necessários a reflexão acerca da identidade profissional.

Torna-se necessário alguns esclarecimentos acerca da forma como os alunos se intitulam. Os mesmos são denominados enfermeiros, apesar de terem a formação técnica. No contexto militar, o que diferencia os níveis de formação é a patente, logo, um Cabo enfermeiro é equivalente a um auxiliar de enfermagem, um Sargento enfermeiro equivale a um técnico de enfermagem e os Oficiais enfermeiros possuem nível superior.

Quanto à escolha profissional, todos referem ter escolhido cursar enfermagem. No entanto, no decorrer dos discursos, é possível perceber que o que leva o aluno a cursar

enfermagem, está muitas vezes relacionado a questões práticas da vida na caserna, mais do que com a identificação com a profissão. Esses aspectos são sintetizados na fala de Netuno.

Muitos vieram cursar da mesma maneira que eu, observando a profissão, outros já vieram cursar porque não precisa mais ir para navio, basicamente um contato maior com a família, um contato maior com terra e as coisas e outros simplesmente achando que a enfermagem é uma quantidade menor de trabalho braçal.(Netuno)

Algumas particularidades da carreira de enfermagem dentro da Marinha soam como atrativos para a profissão, o que reforça mais uma vez a importância de ser militar mais do que a especialidade a ser seguida. As motivações de escolha são baseadas em critérios pessoais, vislumbrando facilidades dentro da vida na Caserna. O fato de enfermagem ser uma profissão que não embarca parece ser um grande ponto positivo, o fato de pertencer a uma categoria profissional “tranquila” dentro da organização também surge com destaque nas falas, e esse aspecto está associado ao aspecto menos “braçal” da profissão, se comparado a outras profissões. Um outro ponto ressaltado em alguns discursos é a possibilidade de exercer a profissão fora da Marinha, já que diferente de outras especialidades, a enfermagem possui um campo de atuação no meio civil.

Enfermagem era minha prioridade. Eu falei para mim mesmo, se não for para fazer enfermagem eu prefiro ir embora da Marinha. Não gostaria de ter cursado outra coisa, só enfermagem.(Mercúrio)

Então eu falei, vou ter que escolher um curso que eu fique mais próximo do Rj para eu conseguir terminar a faculdade e também conseguir ter êxito no curso da Marinha. Então aí eu coloquei em primeiro enfermagem, em segundo eu coloquei barbeiro e em terceiro eu coloquei escrevente por ter mais a ver com a minha faculdade. Escolhi enfermagem por não embarcar também, porque eu sabia que teria condições de continuar estudando.(Saturno)

... aí eu falei assim, vou escolher uma profissão que eu possa aprender coisas para minha vida e se tiver que trabalhar fora, não é o que eu penso agora, de trabalhar fora na enfermagem, pretendo trabalhar só na Marinha. [...] e eu gostei. (Plutão)

As falas de Júpiter e Vênus confirmam que a enfermagem é vista como uma profissão “tranquila”, e fazem referência ao que chamam de “kit bobinho”, que seriam profissões com uma menor carga de desgaste físico, como vemos a seguir.

...outra vantagem que eu não citei na outra pergunta, foi também as pessoas dizem, na própria Marinha, é o “kit bobinho”, o cara não quer ser infante, não quer ficar fazendo manobra, então se você é enfermeiro, o serviço do enfermeiro é diferenciado, não vou ficar na guarda, em pé, você fica na sessão de saúde, dormindo ali, num ambiente que tem ar condicionado, tem computador, tem telefone tem esses benefícios. Mas quando toca, você pode atender, mas na maioria das vezes o seu ambiente de trabalho ali, você fica esperando que um acidente aconteça para você atuar. É uma das vantagens, a vida para o Fuzileiro Naval é melhor.(Vênus)

Foi minha prioridade, minha primeira opção, na Marinha pra gente tinha o que a gente chamava de kit bobinho que são determinadas profissões que teoricamente seriam mais tranqüilas, onde eu errei nisso né, eu achei que a enfermagem seria tranqüila e não é tão tranqüilo assim, então a minha primeira opção foi a enfermagem, esse tal kit bobinho, depois educação física que é o EP, BA que é o barbeiro e faloreiro e tem mais um escrita, então eu segui essa seqüência e como eu era antigo na turma eu vim cursar enfermagem primeiro.(Júpiter)

O discurso de Terra, mostra a realidade das escolhas dentro da carreira, e confirma o já relatado por seus companheiros, ressaltando as possíveis facilidades ao se escolher uma profissão como a enfermagem.

No decorrer no ultimo ano de avaliação, foi aberto a oportunidade de aviação, eu fiz essa opção né, pela aviação, mas ai não foi possível ai ficando na segunda opção é a enfermagem, a enfermagem inicialmente não era a minha prioridade e ainda que fosse era mais pelo fato de uma profissão que me desse mais uma qualidade de vir para a carreira militar, porque a carreira militar não é fácil, da muito serviço noturno, entendeu, então o militar infantaria o cara faz muita manobra, o enfermeiro já fica na manobra de apoio, monta a barraca de saúde, já fica ali na barraca, o serviço de enfermeiro ele dorme a noite, então tem regalias na profissão, não pelo fato de ser enfermeiro é um sonho, a escolha não foi essa foi visando outras condições.(Terra)

As relações familiares desses alunos, em alguns casos, foram aspectos decisivos para a escolha da enfermagem como constatamos nos discursos abaixo.

A minha história é bem interessante, a minha mãe é enfermeira. (Mercúrio)

Foi uma situação interessante, na minha família, as minhas primas são todas enfermeiras. (Marte)

A minha mãe é enfermeira, ela é técnica em enfermagem, então ela influenciou bastante. (Urano)

Cursar a especialidade de enfermagem dentro da Marinha, é vista com aprovação pelos colegas de outros cursos profissionalizantes, pois dentro da Marinha enfermagem é

uma carreira bastante concorrida, devido aos aspectos já destacados anteriormente. Para que o militar consiga cursar enfermagem, é preciso que ele tenha um bom desempenho escolar anterior, e tenha acumulado anos de embarque, que contam como pontos favoráveis. Os entrevistados conseguiram cursar uma profissão concorrida, isto é, destacada por muitos, e assinalam que ninguém cursa enfermagem por ordem, muito pelo contrário, os participantes afirmam que muitos colegas tiveram que cursar outros cursos, pois não alcançaram pontuação suficiente para enfermagem. Sendo assim, esse aspecto é uma descoberta bastante interessante, pois dentro da Marinha, conseguir cursar uma profissão como enfermagem, faz com que o militar se destaque diante de outros e se reflète na identidade profissional. Este fato está presente no discurso de Plutão.

Bom, na Marinha, está falando da Marinha né? O pessoal fala que, ah, enfermagem só acochado, enfermagem só quem tem muito ponto e realmente é mesmo né, porque das profissões da Marinha, eu acho assim, a melhor que tem é enfermagem, porque o restante é tudo navio cara, é escrevente, também é faxina para caramba, lidar com comandante direto, tem umas profissões que meu Deus do céu, ninguém merece. Na Marinha a imagem da enfermagem é positiva, o cara vê que enfermeiro é diferente, o cara vê que não é qualquer um que cursa. Hoje em dia está mais fácil, tem marinheiro aí de dois, três anos de embarcado que cursa enfermagem, mas na minha época era mais difícil, o pessoal fala, é só acochado pô, entendeu, é visto como uma profissão boa. (Plutão)

Por outro lado, o discurso de Urano merece ser levado em consideração, pois reafirma os padrões de escolha e remete a mudanças recentes, que poderão influenciar as escolhas futuras, já que o militar para ir a sub-oficial terá que cumprir pelo menos um ano de embarque a partir de agora. Com isso, o entrevistado acredita que a enfermagem não será mais uma escolha dos alunos no futuro.

Na verdade na verdade, 80 % do pessoal que vem cursar enfermagem dentro da marinha vem por causa do grande incentivo de não ter que voltar para o navio, que é o grande medo de todo mundo ter que trabalhar embarcado. Então a maioria vem não por um dom ou por uma satisfação, mas para fugir do embarque, coisa que hoje agora como o enfermeiro vai ter que embarcar, eu acho que a profissão enfermagem vai ficar muito [...] eu acho que agora o que vai acontecer, vai ser a última opção do cara, da pessoa, vai ser a última opção, e aí vai vir a contra gosto. A pessoa que vem cursar enfermagem daqui a uns anos, vai ser igual a pessoa que cursa máquinas, cursa motores, ela não cursa

porque quer, cursa porque sobrou, nunca por opção, mas por falta de opção.(Urano)

É possível perceber nos discursos, que grande parte dos entrevistados não possuíam maiores conhecimentos acerca da atuação e atribuições da enfermagem antes do curso, e a referência que tinham sobre a imagem da profissão era positiva, remetendo-se muitas vezes aos aspectos caritativos da profissão como “ajuda”, “ser útil”, “se doar”, “profissão solidária” e “amor”.

...quando minha mãe trabalhava com home care, na casa das pessoas, para eu não ficar sozinho, como eu passava muito tempo longe de minha mãe, ela me levava junto. Então eu via ela fazer curativo, de cuidado, dava banho, então eu cresci vendo a minha mãe cuidar dos outros. Então eu comecei a ter amor pelas pessoas, pelo cuidado a alguém que estava doente. Foi uma experiência de família que eu tive antes e comecei a gostar. Porque o dom, é assim dentro da pessoa que vai cuidar de alguém, eu acho que tinha que ter um dom, que é o amor, é gostar de ajudar alguém e isso eu tenho em mim desde criança. (Mercúrio)

Porque eu gostava de ajudar as pessoas, eu sempre procurei ajudar as pessoas, apesar de eu nunca ter tido contato com a enfermagem, mas eu pensei dessa forma, eu pensei é um jeito de ajudar os outros, eu falei eu não conheço nada, mas o curso é para você aprender tudo mesmo.(Saturno)

O que me atraiu na profissão foi o ajudar, o ajudar o próximo, poder fazer alguma coisa por alguém. (Urano)

Devido eu ter acompanhado por bastante tempo, foram 3 anos acompanhando, eu me identifiquei muito com a profissão da enfermagem, tanto em ajudar as pessoas quanto em saber me ajudar e socorrer a minha família em caso de necessidade.(Netuno)

Ser enfermeiro eu imaginava que seria uma coisa, uma profissão solidária. (Júpiter)

De uma maneira geral, todos observam vantagens em ter cursado enfermagem, seja pelas vantagens de não embarcar, entre outras já citadas, seja pela possibilidade de adquirir conhecimentos valiosos acerca da saúde, podendo aplicar em seus familiares. Nenhum dos participantes demonstrou qualquer arrependimento por ter cursado enfermagem.

A atuação na enfermagem militar pode ocorrer de formas diversas. Após o curso de especialização, os alunos são direcionados para Organizações Militares em toda parte do Brasil, podendo atuar nos Hospitais, Policlínicas, Navios e até mesmo em serviços administrativos que não lidam com o cuidado. Uma parte dos participantes permaneceu em

unidades militares que não prestavam assistência a pacientes, enquanto outros desempenharam suas atividades nos hospitais militares.

São ressaltadas nos discursos algumas dificuldades acerca do exercício da profissão, principalmente por esta ser exercida em um contexto militar e deste modo, alguns conflitos parecem ser mais marcantes devido a estrutura organizacional do sistema e sua hierarquia. Outras queixas parecem ser comuns ao ambiente civil, como constatado por pesquisas como de Wainberg (2004), Lanza(2006) e Pereira (2008), que não trabalharam em um contexto militar, mas evidenciaram queixas comuns aos discursos, como desvalorização, subordinação ao médico e falta de reconhecimento por parte dos pacientes e equipe. A seguir, algumas falas que destacam os pontos negativos da profissão, na visão dos alunos.

Bom enfermagem eu acho que é o ponto negativo eu acho que é pouco valorizado, tem a questão social do enfermeiro porque nós não deixamos de ser seres humanos, nós não deixamos de adoecer, nós[...] então sempre, parece que se o enfermeiro falta o plantão ele na nossa linguagem de Marinha “está escamando”, é o enfermeiro não tem problema, ninguém agradece o enfermeiro, então é sempre assim, todos os valores né, da assistência vai para o médico, vai para qualquer outro de profissão mas nunca para o enfermeiro, nunca para quem realmente deu assistência, esse é um ponto negativo.(Júpiter)

O lado ruim é que você não é reconhecido cara, não é só pelo paciente não, você está ali, faz tudo, aí vem o médico e às vezes o médico não faz nem metade do que você faz, na verdade ele não faz nem a metade do que a gente faz, a verdade é essa. Aí o cara recebe mais valor do que você cara, na verdade a própria equipe mesmo, ao invés de se unir mais, não, é muito desunida as vezes [...](Plutão)

A parte que eu não gosto da enfermagem é de não que seja ruim mas em determinados lugares não se vê um enfermeiro como uma pessoa, como um ser humano que está ali, mas vê o enfermeiro como uma pessoa que tem que executar aquela missão.(Netuno)

O aspecto positivo da parte de enfermagem tem muito pouco, além do ajudar o próximo. Os aspectos negativos são muito grandes, você não tem a carga horária respeitada, você sempre termina o seu plantão você fica depois do horário porque você tem que esperar para passar o plantão e as vezes você não consegue passar o plantão, quem vem te render está vindo de outro plantão porque tem que ter mais de um trabalho e aí não te rende no horário, ou seja os aspectos negativos são muito maiores que os positivos.(Urano)

Os participantes percebem um conflito entre ser militar e ser enfermeiro, não pelo aspecto distinto da identidade das profissões, mas sim devido a algumas dificuldades enfrentadas em sua prática cotidiana por estarem prestando cuidado em uma instituição militar.

Em alguns momentos, em alguns momentos existe alguma diferença o caso você é cobrado como enfermeiro mas em certos momentos você é cobrado como militar, fica difícil em algumas situações você atuar como militar e como enfermeiro, conciliar as duas coisas.(Terra)

O que acontece com algumas pessoas é que elas confundem, a gente tem que levar em consideração que é uma equipe de enfermagem, não é você que está ali, então você tem que esquecer um pouco o militarismo e trabalhar junto e tem gente que já visa pelo lado do militarismo, então ele na hora de fazer uma divisão de trabalho lá, vai botar sempre o trabalho mais pesado para uma determinada classe de pessoas ou que são mais modernas, ou até para o funcionário civil que ta ali ajudando, então ele acha que como está na organização militar dele, então ele acha que tem que ser beneficiado [...]eu acho que não deve pensar desse jeito, então eu acho que se existe conflito sim do militarismo com a enfermagem em relação a isso. Na hora que você tem que trabalhar todo mundo junto, a pessoa pensa no militarismo e realmente é aquilo, se a pessoa manda você fazer você vai lá e faz e pronto acabou.(Saturno)

Sim, com certeza, principalmente a parte militar. Porque primeiro você é enfermeiro, mas quando convem você é militar, um exemplo disso é a escala de serviço, a maioria das unidades hospitalares cumprem essa carga horária (12x60), e aqui não, você é militar, você é enfermeiro 24 horas. Então você nem sabe se é militar nem sabe se é enfermeiro, é o que convem ao momento.(Urano)

Ainda ressaltando as dificuldades oriundas da organização hierárquica, Netuno e Júpiter também compartilham desta visão. Ao relatarem o conflito no dia-a-dia, exemplificam os seguintes aspectos:

Somente, tão somente quando a hierarquia e a disciplina querem falar mais alto do que os cuidados. Quando se tem dois pacientes e um por ser oficial e outro por ser praça ou dependente de praça ou dependente de oficial com um dependente de praça e eu tenho que dar prioridade a hierarquia e a disciplina.(Netuno)

Total, total conflito, é uma profissão que você tem que ter uma determinada liberdade com o paciente, mas ao mesmo tempo aquele paciente pode ser hierarquicamente superior a você então para fazer uma medicação, permissão pra administrar a medicação então n situações acontecem, as vezes o próprio paciente te trata de uma forma mal educado é vendo as questões militares mesmo, determinando quando você se sente impotente né, naquele momento né, você é o enfermeiro a saúde dele está nas suas mãos ele necessita de você pra aquele momento mas mesmo assim tem muitos que não caiu na realidade da situação, da profissão e que visa como cabo ou como sargento, então assim, é uma coisa que eu sempre digo que saúde e militarismo são conflitante, é total conflitante, é você não consegue conciliar uma coisa com a outra você acaba [...], ou você é um bom militar ou você é um bom enfermeiro, você ser os dois bons assim eu acho muito difícil, é bem complicado.(Júpiter)

Com essas discussões, é possível observar que o dia-a-dia do trabalho de enfermagem é envolvido com alguns conflitos inerentes a realidade do ambiente aonde

atuam, mostrando que o Hospital, mesmo sendo um espaço destinado ao cuidado em saúde, é permeado por questões típicas do universo militar e esses aspectos podem ser considerados pontos desgastantes da atuação na caserna.

3.3 - COMO VIVEM E FALAM SOBRE A CONDIÇÃO DE PERTENCEREM A UMA PROFISSÃO HISTORICAMENTE FEMININA.

Nesta categoria de análise, pretendo buscar no discurso dos alunos, o sentimento relacionado a pertencer a enfermagem, diante de toda a sua bagagem histórica e marcante feminização do serviço já discutida anteriormente. Em se tratando da enfermagem como um todo, as mulheres são maioria nos serviços como constatado através de dados do Cofen, e isso, segundo alguns estudos, pode ocasionar dificuldades e preconceitos com os homens que optam por trabalhar na enfermagem. No cenário em questão, o universo militar é masculino, e mesmo na enfermagem, os homens são a maioria e isso parece deixar os alunos em uma posição muito confortável, não sendo percebidos, os conflitos constatados por outros autores que trabalharam com homens atuando na enfermagem.

Lanza (2006) destaca que um olhar mais atento às relações sociais no cotidiano, revela uma forte tendência ao preconceito em relação aos homens que trilham o caminho das escolhas consideradas “naturais”, impostas pelo capitalismo. Wainberg (2004) alega que social e culturalmente, a área da enfermagem não é almejada por homens, sendo que é comum a idéia de que aqueles que rumam para atividades feminilizadas assim o fazem porque estabeleceram uma identificação de gênero com as atividades desenvolvidas, ou seja, percebem essas atividades como femininas e mesmo assim desejam executá-la. No trabalho da autora, saíram referências ao fato de dizerem que é coisa de gay, ou profissão de mulherzinha e relatos de preconceitos sentidos pelos sujeitos da pesquisa, em universo hospitalar do meio civil.

Tal situação era um dos questionamentos desta pesquisa, desvelar como esses alunos se sentiam por pertencerem a enfermagem. A constatação que obtivemos foi a de que não há no discurso dos alunos, nenhum constrangimento por pertencerem a enfermagem. Poucos entrevistados fizeram alguma referência a esses preconceitos, e sempre que se referiam, faziam questão de afirmar que isso ocorria fora da Marinha, ou

seja, para o militar ser enfermeiro é apenas uma especialidade dentro do seu cotidiano que é ser militar.

Lanza (2006) afirma que para a sociedade, torna-se difícil imaginar que homens possam adentrar um espaço considerado feminino por séculos, sem levarem consigo suspeitas de homossexualidade. No entanto apesar de parecer uma verdade, no meio militar esse aspecto não é ressaltado. Ser militar deixa o sujeito na condição de estar acima de qualquer suspeita, sem que sintam nenhum desconforto. Como afirma Urano, “*não, não, porque como a gente trabalha em um hospital militar, eu acho que a profissão é predominantemente feminina, mas aqui no hospital a maioria é homem, então a gente não vê desconforto*”. Outros participantes apontaram a mesma visão:

Não, não, graças a Deus nunca teve isso, preconceito nenhum, profissão é igual independente de sexo, tanto que tem um exemplo prático, de mulher piloto e graças a Deus pra mim é uma profissão normal como qualquer outra. No lado civil né, geralmente né, o pessoal já é mais [...], a gente fala né, militar é diferente porque, porque pô, você escolhe, a maioria é homem, tem esse lado né. Mas lá no meio civil é visto como só para mulher no caso e tem umas brincadeiras mas isso é normal, a gente leva na brincadeira porque não tem nada a ver [...]. Brincadeira de quem não conhece a gente, não conhece o nosso trabalho, mas de civil mesmo, dos colegas, hi tu é enfermeiro [...], mas isso é mais no meio civil mesmo, tem sempre aquela brincadeira, ah, enfermeiro, mas isso sem maldade nenhuma, tem essa fama né, o pessoal, homem que entra para a enfermagem tem essa fama de homossexual, fora isso, é sadia né, é uma brincadeira [...], eu levo na brincadeira.(Marte)

Não, na Marinha não é problema não.[...] Fora dela eu vejo um preconceito, geralmente os homens é, tem muito homossexual né, mas não tenho muito contato com o pessoal externo né, mas aqui de dentro não tem problema algum.(Vênus)

Não hoje em dia não, na Marinha eu nunca tive esse tipo de problema e nunca vi ninguém comentando nada disso, já vi, já ouvi esses relatos em termos de paisano né, no meio civil a gente até relata alguma coisa assim meio que preconceituoso, mas eu até creio que já mudou muito essa visão, hoje em dia eu sinceramente isso aí se eu ouvi deve ter cerca de 5 anos, hoje em dia eu não ouço esses relatos de que essa profissão é para homossexual pra feminino.(Júpiter)

A falas de Marte, Vênus e Júpiter, mostram uma certa blindagem em torno do militar, ressaltando que esses preconceitos são pertencentes apenas ao ambiente civil, e o discurso de Marte é permeado por inúmeras pausas, levando a crer que está fazendo uma medição das palavras, mostrando ser este um tema um tanto constrangedor para o entrevistado. Mercúrio lembra ainda da imagem da enfermagem relacionada a Guerra, onde os enfermeiros sempre atuaram, “*desde os tempos das Grandes Guerras sempre existiu*

enfermeiro, acho que no fundo eles queriam estar naquele lugar, dos filmes, que os enfermeiros estão lá no combate”, destacando uma atuação que lembra força e bravura, atributos considerados masculinos.

O fato de trabalhar em um ambiente aonde atuam mulheres, mesmo que em menor número, mostra ser um aspecto favorável como ressaltado na fala de Terra: *“Não com relação a isso, pelo contrario, o pessoal gosta de trabalhar com as mulheres né, principalmente os navais porque não tem muito contato, e até brincam quando chega uma mulher a bordo, falando que ela vai ter uma vida boa”.*

Saturno apresenta o mesmo pensamento de que trabalhar em um ambiente com mulheres é visto positivamente, e aborda a questão do homossexualismo com muita cautela na fala a seguir:

Não percebo nenhum desconforto entre os colegas em ser da enfermagem, a gente vê aqui pessoas que se transformam em homossexuais, a gente tem vários amigos na turma, só que eu não sei se é só por estar nesse ambiente, ou se já tinha uma predisposição e a pessoa se sentiu mais a vontade e acabou se declarando. Mas de chegar e ouvir ah não, não vou trabalhar em um ambiente feminino e ter que trabalhar com mulher...muito pelo contrário, tem muitos que acham que trabalhar com mulher é outra coisa, é mais tranquilo, não tem aquele negócio de marinha, pesada, tenta levar primeiro pelo profissionalismo aí se não der realmente “toca marinha” como segunda opção, de forma secundária (Saturno).

Os únicos desconfortos apontados nos discursos não dizem respeito ao incômodo em pertencer a enfermagem, devido aos estigmas da profissão, mas de alguns constrangimentos que podem surgir no cotidiano, ao prestarem cuidados a mulheres mais novas, que por ventura se sintam incomodadas com o fato de estarem sendo cuidadas por um homem. No entanto os participantes relatam que esse constrangimento é facilmente driblado com o profissionalismo como vemos nas falas de Netuno e Plutão.

Já passamos por diversos constrangimentos, em relação a isso, principalmente quando temos que cuidar do público feminino, onde um banho no leito por exemplo numa menina de 17 anos dada por um enfermeiro do sexo masculino, acho que vai constranger tanto a menina que esta consciente quando o enfermeiro na hora de despir e dentro do necessário, despir dentro do necessário, e executar a tarefa, então causa um desconforto tanto para o cliente quanto um desconforto para o enfermeiro, mas preconceito em si – há não quero ser atendido por ele porque ele é homem ou alguma coisa assim, foram poucas vezes, quase nenhuma e é driblável tranquilamente. Eles, (os colegas) tem histórias a contar em relação a isso mas que... Dentro do ambiente militar é difícil porque a mão de obra, a enfermagem militar é basicamente masculina, então o cliente já vem para ter um atendimento no hospital e sabendo que provavelmente vão ser cuidada, vai ser tratada por um homem. Além do mais

temos que ter a visão que a enfermagem não tem que visar sexo, tem que visar o tratamento.(Netuno)

Não, incômodo nenhum, não vejo problema nenhum, na verdade, as vezes tem paciente novinha lá internada, eu já dei banho, nada a ver, profissionalismo, ela lá com a mãe dela e eu lá brincando, normal, descontraindo, fazendo a minha profissão, nada de [...] Independente de ser homem ou mulher. Na verdade tem muitos aí né [...] mas está tranqüilo, é profissionalismo, lá no andar tinha mulher. Uma vez teve até uma menina, que a tenente falou quero que uma menina dê banho nela e só depois que a cliente falou que eu que dei banho nela, depois que eu dei banho que ela foi falar, e a mãe da menina se amarrou na minha. A maioria é masculino, e tem pouca gente no andar, e muito paciente para ela atender, e eu fui brincando, com meu jeito assim, foi descontraindo e a mãe até se amarrou. (Plutão)

3.4 - SER ENFERMEIRO E AS RELAÇÕES FAMILIARES

Conforme discutimos em outra categoria, foi possível perceber que a carreira militar é vista com grande satisfação pelas famílias, os participantes tiveram apoio ao escolherem seguir a vida militar e os familiares demonstram satisfação com a profissão. No entanto, refletindo sobre o contexto da identidade da enfermagem militar, tornou-se necessário descobrir se pensavam o mesmo da profissão de enfermagem.

Wainberg (2004) afirma que o caráter diferencial ao se integrar um ambiente profissional feminilizado, bem como exercer uma atividade socialmente desvalorizada, fica evidente pois os seus entrevistados relataram que a aceitação da escolha profissional por parte dos familiares nem sempre ocorre de forma natural. Diferente do encontrado por Wainberg, nos discursos dos participantes deste estudo, nenhum relatou qualquer relutância da família em aceitar a profissão, pois parece que a partir do momento que o sujeito se torna militar, a especialidade a ser seguida não é fator relevante para as famílias dos militares como vemos a seguir:

Na verdade eu não tive muito a opinião da minha família em relação a escolha que eu fiz. Eu escolhi a enfermagem dentre as outras especialidades. E quando eu cheguei em casa eu falei para a minha mãe, mãe eu escolhi a enfermagem e a minha mãe gostou muito, até porque além de militar, além de útil a nação, além de ter um emprego eu poderia também ajudar outras pessoas, ela própria e galgar algo foram também se eu necessitasse, porque a enfermagem é tanto dentro da Marinha quanto fora da Marinha, dentro das forças armadas e fora.(Netuno)

Bom em casa assim, eu acho que eles me vêem mais como militar e não como um profissional enfermeiro, mas assim até porque em casa a gente conversa sobre algumas situações que eu passo mas não dão muita atenção. Falam mais que eu passei de cabo a sargento agora, essa questão profissional [...].(Marte)

A reação da família pela escolha da enfermagem foi muito positiva. (Urano)

[...] não tem muita noção, mas não sei se eles até sabem ou não separar isso também .Mas é bem vista, eu sempre ajudo a família, ah, é enfermeiro... (Vênus)

Então é, geralmente os parentes em estar na Marinha já é uma grande satisfação (Júpiter)

Como visto, os familiares se baseiam no fato de seus parentes pertencerem a profissão militar, pois esta ainda confere um *status* maior do que ser da enfermagem. A visão dos familiares provavelmente é um reflexo da marca identitária dos alunos, que é o fato de serem militares, sendo a enfermagem apenas uma especialidade como dito anteriormente.

3.5 - AS PERSPECTIVAS NA VIDA PROFISSIONAL.

As informações sobre as perspectivas da vida profissional mostram que apesar de algumas críticas que os participantes fazem sobre o militarismo, o mesmo ainda se apresenta com vantagens. Sendo assim, nenhum dos entrevistados pensa atualmente em desistir da profissão, não sem antes possuírem um outro emprego estável melhor. Os discursos refletem uma reivindicação de melhor valorização do militar, como destacado abaixo:

Bom é uma carreira assim, bem, muito bonita, bem prazerosa, dá um status assim no ser humano, principalmente homens, porém é muito desvalorizada, tem tanta coisa, principalmente esse governo que está aí, todos esses problemas com o militarismo. E eu acho que a gente tinha que ter mais valor, ser bem mais pago, no caso no nosso serviço, porque a gente perde muito tempo longe de casa, longe da família a gente é escavado em todos os nossos limite, viver sob pressão, viver em ambientes hostis, é surreal, só realmente quem ama e quem gosta é que suporta o que a gente passa.(Mercúrio)

... apesar de estar com o salário defasado, tudo isso, mas eu acho que a nível médio ainda se ganha bem, a parte negativa é em termos de evolução, ainda tem muita gente com a mente muito retrograda a mente muito atrasada e não acompanha a evolução eu acho que o militarismo não está evoluindo de acordo com o mundo de acordo com as necessidades humanas.(Júpiter)

Apesar de a gente estar um pouquinho meio desmoralizado até frente aos poderes públicos e até a política em si, mas acho que ainda tem aquele sentimento assim da população, ah você é militar, é um cara diferenciado, é um cara que tem disciplina, mesmo que não estudou muito, mas você estudou, tem uma carreira pública. Todo lugar que eu chego e falo que sou militar, o pessoal fala, ah você é da Marinha, o pessoal acha até que você tem dinheiro. Falam Poxa você é da Marinha? já viajou o mundo todo?? Então tem aquela fantasia

Então para população em geral você ainda é bem querido, para família também, só para o poder público que a gente está meio desvalorizado.(Saturno)

Netuno afirma que a carreira se divide em três fases: “a fase do encanto quando eu entrei, que tudo é um mundo muito novo; a fase do posso dizer do desencanto, quando a gente que encontra uma vida que não é muito aquilo que no meio civil a gente enxerga e a fase do costume, vamos levar onde dá o comodismo, porque mal ou bem é uma estrutura que a gente tem”. Essa fala sintetiza o sentimento que pode surgir de comodismo em alguns, pois os mesmos já estão há mais de 10 anos em uma carreira estável.

De todos os entrevistados, apenas um manifestou interesse em cursar nível superior em enfermagem, muitos alegam terem se desmotivado por questões de retorno financeiro insuficiente, escalas de trabalho ruins e baixa valorização profissional. Dos participantes que possuem nível superior ou estão cursando, a maioria destaca a intenção de fazer prova para o quadro de oficiais, mostrando que há um grande interesse em permanecer no militarismo, porém alcançando postos superiores na escala hierárquica.

3.6 - A IDENTIDADE PROFISSIONAL UTILIZADA NO COTIDIANO.

Como última categoria de análise, destacamos a forma como esses alunos se apresentam nas suas relações cotidianas. Para Ciampa (1994) ao perguntarmos “quem é você?” “quem é ele?”, “quem sou eu?”, estamos pesquisando a identidade, ou seja, aquilo que apresentamos aos outros ou que os outros reconhecem em nós. Sendo assim, tornou-se oportuno investigar de que forma os alunos se apresentam no dia-a-dia, mostrando qual a referência identitária que utilizam para a sua identificação profissional. As falas abaixo sintetizam essas respostas.

Sou Fuzileiro Naval.(Mercúrio)

Sou militar.(Saturno)

Empresário, eu hoje quando as pessoas me perguntam fora, eu sou empresário ou militar, militar enfermeiro não, militar ou empresário, só se a situação me beneficiar por ser militar enfermeiro, fora isso militar ou empresário.(Urano)

Enfermeiro. (Netuno)

Enfermeiro da Marinha.(Plutão)

Geralmente a gente fala que é militar né, não fala que é enfermeiro porque o civil não tem conhecimento do que é enfermeiro da Marinha, agora se me perguntar o que você faz na Marinha digo que sou enfermeiro.(Marte)

Eu dou uma avaliada, dependendo do ambiente ou eu falo que sou professor de educação física, ou que sou militar.(Vênus)

Eu geralmente digo que sou enfermeiro, depende da intenção quando eu quero causar um frisson eu digo que sou militar, mas quando é algo mais liberal em uma conversa mais informal uma coisa mais tranqüila eu geralmente digo que sou enfermeiro e após o assunto eu digo que sou militar, isso gera, na visão do enfermeiro não gera espanto já na visão do enfermeiro militar geralmente tem aquela coisa, ah legal. Na questão informal eu digo que sou militar.(Júpiter)

Olha só, se for num ambiente circular eu realmente falo que sou enfermeiro porque falar que é militar hoje em dia é meio complicado, então eu prefiro falar que sou enfermeiro eu no meu caso particular.. e se for no meio dos amigos no meio secular, os colegas que nos conhecem que são militares você falar que é militar e enfermeiro os caras já ficam pô tem uma visão diferente, aí seria uma resposta realmente se for militar e sou enfermeiro, dentro da instituição confere um certo status entre as especialidades você falar que é, ah eu sou fuzileiro naval, eu sou enfermeiro, o cara já tem um status melhor... Então assim dentro do nosso meio eu realmente exalto que sou militar e sou enfermeiro aí eu ressalto com convicção isso aí e no meio circular inicialmente eu prefiro evitar em falar que sou militar mas aí quando eu conheço as pessoas eu falo, não, eu sou fuzileiro naval e sou enfermeiro...(Terra)

Essa última categoria analítica permitiu perceber o quão intensa é a identidade militar, pois a maioria de alguma forma destaca que é militar, apenas um entrevistado afirma que se identifica como enfermeiro. Os que optam por omitir em um primeiro momento que são militares, afirmam que o fazem por questões de segurança. Três dos entrevistados nem costumam fazer menção ao fato de pertencerem à enfermagem, utilizando inclusive referência de sua profissão e atividade de fora da Marinha.

A última fala de Terra, confirma que ser da enfermagem confere um status no meio militar, e por esse motivo, entre os colegas de farda, fazem questão de dizer que pertencem ao quadro de enfermeiros, pois a visão hegemônica é de que não é qualquer um que consegue cursar enfermagem e isso representa uma forma de se destacar perante os demais. Sendo assim, a enfermagem é utilizada pelos sujeitos como identidade no seio da corporação, mas nem sempre é utilizada no ambiente fora da Marinha, cabendo a avaliação primeiramente para ver se é oportuno se apresentar como enfermeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A enfermagem se caracteriza como uma área prioritariamente ocupada por mulheres ainda nos dias atuais, podendo ser este um dos motivos para a pouca produção bibliográfica que aborde o universo dos homens na enfermagem. O processo histórico da profissionalização da enfermagem reproduz marcas que se originam no período pré-profissional da enfermagem e algumas delas continuam a ser reproduzidas nos dias de hoje.

Apesar do quantitativo superior de mulheres na profissão, os estudos indicam uma curva crescente no ingresso de homens nos cursos de enfermagem. Fatores como acesso ao mercado de trabalho podem ser apontados como incentivadores para busca da profissão. No universo da enfermagem muitas vezes observa-se uma divisão sexual do trabalho, fazendo com que os homens sejam direcionados para serviços onde a força física é útil, sendo excluídos de serviços como pediatria e maternidade, onde atributos femininos como delicadeza são bem vindos.

Este estudo focalizou os Sargentos do curso de enfermagem, que já atuam na profissão e estão em exercício em um contexto militar. Percebe-se que o ambiente militar, apesar de composto também por mulheres, dentro da Caserna ele é predominantemente masculino até os dias atuais. Esse aspecto deixa os homens que atuam na enfermagem em uma posição bastante confortável, pois apesar do histórico da profissão que escolheram, o contexto militar faz com que eles sejam a maioria.

As questões levantadas no início do estudo foram plenamente respondidas, e foi possível constatar que apesar das aparentes contradições entre as profissões, já que o militarismo tem sua imagem ligada a força e bravura e a enfermagem tem sua imagem associada à docilidade, nenhum tipo de conflito é sentido pelos sujeitos. Isso demonstra que não pode existir uma rigidez ao se abordar as diferenças de gênero entre profissões de homens e mulheres, pois na prática esses atravessamentos podem não apresentar relevância na imagem profissional reproduzida pelos profissionais.

Os resultados produzidos a partir do discurso dos alunos acerca da identidade profissional serviram para demonstrar a interferência do espírito militar na construção da identidade. Sendo assim, a formação militar permanece como uma forte marca identitária.

A identidade militar é constituída na oposição ao mundo exterior, o mundo dos paisanos. Esta cultura peculiar é posta a todos que ingressam na carreira, mas é sentida de forma diferente pelos sujeitos.

Essa oposição entre o ambiente interno e o ambiente externo á caserna, faz com que os símbolos e estigmas da profissão enfermagem permaneçam fora do contexto dos alunos, como se essa realidade pertencesse apenas ao mundo dos civis, não sendo sentida no contexto militar no qual estão inseridos.

Claro que nesta pesquisa não foi possível mapear todos os ângulos possíveis de análise da identidade profissional dos participantes, mas busquei trabalhar com todos os elementos que afloraram nas entrevistas, destacando os elementos envolvidos na construção da identidade profissional.

Mais do que eu esperava encontrar, a enfermagem se mostrou ser uma prioridade na escolha da profissão pelos alunos. Os atrativos como o fato de não embarcar, a possibilidade de exercer a profissão fora da Marinha e o fato de ser considerada uma profissão mais tranqüila, fazem com que o curso seja bastante concorrido. Mostrando que fatores vocacionais não são levados em consideração, pois os alunos escolhem a carreira que poderá lhes proporcionar facilidades na vida militar.

Um outro achado relevante foi o de que a enfermagem possui uma imagem extremamente positiva entre os alunos, conferindo inclusive um status não observado no contexto fora da Marinha. Não estou dizendo com isso que a enfermagem exercida em um contexto militar esteja isenta de problemas, pois queixas quanto a pouca valorização, carga horária pesada e submissão à medicina aparecem nos discursos. No entanto, o fato de ser uma profissão concorrida dentro da Marinha faz com que os alunos que conseguem cursar enfermagem se destaquem dos demais.

No momento da classificação, não são contados apenas as avaliações obtidas nos cursos anteriores, o tempo que permanecem embarcados é um fator que conta a favor, sendo assim, um militar que serve muito tempo embarcado possui uma pontuação alta e consegue facilmente escolher a profissão que deseja seguir.

Diante da realidade do ambiente militar, mostrando as particularidades da vida na caserna, torna-se oportuno salientar a necessidade de pesquisas que contextualizem esse universo, já que ainda são poucos os trabalhos buscam desvelar essa realidade. Na referida

Escola de Saúde, esta é a primeira pesquisa que utiliza como sujeito os alunos de enfermagem, outras pesquisas desenvolvidas na instituição tiveram como foco a atuação dos docentes.

Finalmente o estudo propiciou um espaço de reflexão, a partir da análise acerca da identidade profissional dos alunos. Acredito que produzi neste trabalho um conhecimento, dentro de suas limitações, que ajuda a buscar descaminhos, a romper com narrativas pré concebidas e que ajuda a explorar uma relação pouco investigada, inserindo no debate o praça da enfermagem militar.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Leila Milmam. Cuidando de Quem Cuida: a harmonia no ambiente de trabalho –o caso de um hospital militar. 1999. 115p. Dissertação (Mestrado em enfermagem) –Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- ALCANTARA, Leila Milmam. A enfermagem militar operativa: gerenciando o cuidado em situações de guerra. 288p.Rj, Julho de 2005. Tese de Doutorado em enfermagem, UFRJ. Escola de Enfermagem Ana Nery.
- AMADO, João da Silva. A técnica de Análise de Conteúdo. Referêcia, n ° 5, p.53-62, novembro, 2000.
- BARBOSA, Antônio Benson Abreu Santiago, BARBOSA, Elane da Silva; MORAIS, Jocasta Maria de Oliveira; NASCIMENTO, Maria Elizabeth do. Homens há enfermagem: Será que eles foram, são ou estão para ser. 2008. Disponível em:<<http://www.webartigos.com>> Acesso em 12/04/2011.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, ed. 70,1988.
- BARREIRA, Ieda de Alencar. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, vol.7,n.3, Ribeirão Preto, julho,1999.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRASIL. Lei n.6880, de 09 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/l6880.htm> acesso em 15 de setembro de 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Dinâmica das graduações em saúde no Brasil: subsídios para uma política de recursos humanos. Brasília:Ministério da Saúde, 2006.
- CAMARA, Viviane Gonçalves. A Construção da Identidade Professoral Militar: um estudo de caso sobre os doentes-enfermeiros da Escola de Saúde da Marinha do Brasil.2008.93f. Dissertação(Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2008.
- CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; Oguisso, Taka. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem Brasileira. *Revista Brasileira de Enfermagem*, vol.61, N.6, Nov-Dez, p.892-898, 2008.
- CANÁRIO, Rui; ALVES, Natália. Educação, trabalho e identidades profissionais. *Sísifo, Revista de Ciências da Educação*. N.6, mai/ago , p.3-5,2008.

CASTRO, Celso. O Espírito Militar- Um antropólogo na Caserna. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2004.

CASTRO, Celso; LEINER, Piero (Org). Antropologia dos militares- reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2009.

CERQUEIRA, Alessandra Tenório; SANTOS, Nara Moreira dos. Gênero e identidade entre profissionais do atendimento obstétrico de Goiânia. III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero, Universidade Federal de Goiás, 2010.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. Estudos Feministas, mai/agos, p.507-528, Florianópolis, 2010.

CIAMPA, Antônio. Identidade. In: LANA, Silvia; CODO, Wanderley (orgs). Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense.1994.

COSTA, Kleber de Souza. Presença masculina na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1950-1990). *Revista de pesquisa cuidado é fundamental* online. Out/dez, p.203-207,2010.

COFEN. Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos conselhos regionais. Março de 2011.

DUBAR, Claude. A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais. Martins Fontes Ed, 2005.

_____. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológico. Educação e Sociedade, vol.19,n.62. Campinas,1998.

FILHO, Francino Machado de Azevedo; VILELA, Marielle Sousa; BERNARDES, Milton Junio Cândido. O gênero masculino e o trabalho em enfermagem: Análise da produção bibliográfica. Apresentado em III Seminário de Trabalho e Gênero, Universidade Federal de Goiás, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Ed. Graal,1978.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes,2000.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (1):47-57, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

_____. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOMES, Antônio Marcos Tosoli; OLIVEIRA, Denize Cristina. A auto e heteroimagem profissional do enfermeiro em saúde-pública: um estudo de representações sociais. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, nov/dez, p.1011-1017, 2005.

HNMD, DOPE. BARAUNA, Ana Amélia Barros Lima. Observações sobre a turma 2011 do curso de especialização em enfermagem. 2011. (não publicado)

JÚNIOR, Waldimir de Medeiros Coelho. Os Sargentos do cuidado e suas representações sobre o cuidar: um olhar sobre suas práticas em um Hospital Militar. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós graduação em enfermagem da Escola de Enfermagem da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2000, 96p.

LANZA, Leni Boghossian. Enfermeiros-Homens: uma nova identidade em construção. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós graduação em psicologia social da PUC, São Paulo, 2006, 184p.

LAVILLE, C; DIONE, J. *A construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artes Médicas/ UFMG, 1999.

LIMA, Júlio César França. Política de saúde e formação profissional dos trabalhadores técnicos de enfermagem. 2010. 438p. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana)- Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LOPES, José Rogério. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, Jan/jun , p.7-27, 2002.

LOPES, Marta; LEAL, Sandra. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho, p.105-125, 2005.

MORAES, Maria Ligia. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica marxista*. Campinas-SP, V.11, p.89-97, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993, 254p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ:Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Beatriz Guitton Renaud Baptista de. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. *Texto contexto - enferm.* , Florianópolis, v. 15, n. 1, p.60-67, 2006.

PEREIRA, Álvaro. Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão. *Acta Paulista de Enfermagem*, v.4, n.2/4,p.49-54, São Paulo, 1991.

PEREIRA, Fábio Paulo. Homens na enfermagem: Atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós graduação em enfermagem da UFRGS, Porto Alegre 2004, 104p.

PIRES, Denise. Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem. São Paulo: Cortez Ed, 1989.

PRESTES, F,C; BECK,C,L,C; SILVA, R, M; SIMON, B, S; PROCHNOW, A, G. Construção da identidade profissional da enfermagem: revisão de literatura. Anais do 2. Seminário Internacional sobre Trabalho na Enfermagem, Curitiba, 2008.

RODRIGUES, Rosa Maria. Enfermagem compreendida como vocação e sua relação com as atitudes dos enfermeiros frente às condições de trabalho. *Revista Latino Americana de Enfermagem* nov/dez, p.76-82, 2001.

SANTO, Fátima Helena do Espírito. As interações entre professoras e estudantes na trama da identidade profissional da enfermeira. Mestrado em Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. EEAN, Rio de Janeiro.1997.

SERRA, Miguel Nunes. Aprender a ser enfermeiro. Identidade profissional em estudantes Cde enfermagem. *Sísifo- Revista de ciências da Educação*, n.5.Jan/Abr, 2008.

SILVA, Alcione Leite da; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Sousa; BORENSTEIN, Miriam Susskind. Imagem e Identidade na Construção do Conhecimento em enfermagem. *Rev. Lat. Am Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.10, n.4,2002.

SILVA, Graciete Borges. Enfermagem profissional: análise crítica. São Paulo, ed. Cortez, 1986.

SIMÕES, Joaquim; AMÂNCIO, Lígia. Gênero e enfermagem - um estudo sobre a minoria masculina. *Sociologia, problemas e práticas*, n.44, Oeiras, jan.2004.

STUTZ, Beatriz Lemos. Técnico de enfermagem o perfil traçado por profissionais da área, no município de Uberlândia nos anos 90. Dissertação de mestrado (Mestrado em educação), Universidade Federal de Uberlândia, 1998, 168p.

TAKAHASHI, Emília. Cadetes Pioneiras na AFA: Algumas considerações sobre a pesquisa de campo. In: CASTRO, Celso; LEINER, Piero (Org). *Antropologia dos militares - reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2009.

VIEIRA, Ana Luiza Stiebler; FILHO, Antenor Amâncio; OLIVEIRA, Eliane dos Santos. Mercado de Trabalho em saúde na região sudeste-Brasil: A inserção da equipe de enfermagem. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, Jan-Fev, p.134-138, 2004.

WAINBERG, Sara. Experiências e vivências de auxiliares de enfermagem do sexo masculino no exercício de uma profissão majoritariamente feminina. Dissertação de

Mestrado apresentada ao programa de pós graduação em psicologia social e institucional da UFRGS. Porto Alegre, 2004, 62p.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em estudo, Maringá*, v.9,n.1,p.127-135, 2004.

WWW.ENSINO.MAR.MIL.R

WWW.SDM.MAR.MIL.BR

WWW.MAR.MIL.BR/PNNSG/HISTORICO.HTM

APÊNDICE A- Roteiro de entrevista

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO- FIOCRUZ
 MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE
 MESTRANDA: Sabrina Ferreira Pereira
 ORIENTADOR: Dr. Júlio César França Lima

CARACTERIZAÇÃO:

Pseudônimo: _____

Idade: _____ Escolaridade _____

Tempo de serviço militar: _____ Patente: _____

PRIMEIRO MOMENTO:

Agradecer ao depoente.

Solicitar autorização para utilização da entrevista na dissertação

Garantir sigilo (anonimato do sujeito)

Solicitar assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

SEGUNDO MOMENTO: Solicitar ao depoente que pense na sua vida profissional e dissertar acerca das questões a seguir:

- 1- Porque ingressou na carreira militar? O que acha dela? Pretende continuar nela? Por que?
- 2-Descreva como foi a sua adaptação no início da vida militar.
- 3- O que sua família acha da carreira?
- 4-Que imagem você tinha da profissão enfermagem antes do curso? Ocorreram mudanças acerca desta imagem após o curso? Por que? Quais foram as mudanças?
- 5-Enfermagem era sua prioridade de curso dentro da Marinha? Por que?
- 6- Gostaria de ter cursado um outro curso? Qual? Por que?
- 7- Que aspectos você gosta e quais não gosta na profissão?
- 8- Observa vantagens em ter cursado enfermagem?
- 9-Como o curso de enfermagem é visto pelos colegas dos demais cursos profissionalizantes?
- 10-Como a carreira de enfermagem militar é vista pela sua família?
- 11-Pretende fazer curso superior em enfermagem? Por que?
- 12- Você percebe, entre os seus colegas, alguma questão, desconforto ou incômodo por atuarem em uma profissão historicamente identificada como sexo feminino?
- 13- Na sua concepção existe algum tipo de conflito entre ser militar e ser enfermeiro?
- 14- Quais os seus planos para o futuro no que se refere a vida profissional e pessoal?
- 15- Quando perguntado qual a sua profissão, o que costuma responder?

TERCEIRO MOMENTO:

Agradecer pela participação.

Agendar a validação das transcrições.

APÊNDICE B - Aprovação do Comitê de Ética.

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ/RJ

PROJETO DE PESQUISA

Título: Entre a Caserna e o Hospital. Uma reflexão sobre a identidade profissional dos alunos do curso de enfermagem da Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias.

Pesquisador: Sabrina Ferreira Pereira

Versão: 1

Instituição: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ

CAAE: 00537912.1.0000.5241

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 5116

Data da Relatoria: 12/04/2012

Apresentação do Projeto:

A autora pretende discutir a formação da identidade profissional do enfermeiro, num ambiente de formação de uma instituição militar direcionada exclusivamente ao sexo masculino. Parte da constatação de que as identidades de militar e enfermeiro ocupam lugares simbólicos dispares, uma vez que a primeira é marcada pela disciplina, pela rigidez e forte presença masculina; e a segunda está diretamente associada ao cuidado e à figura feminina. Pretende realizar o estudo na instituição em que exerce suas atividades profissionais, qual seja, a Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias (HNMD)/RJ, da Marinha do Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo deste projeto de pesquisa é investigar os elementos envolvidos na construção da identidade profissional dos alunos do curso de enfermagem da referida instituição, bem como identificar de que forma as relações de gênero influenciam nesta construção.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos benefícios, a pesquisadora afirma que pode "contribuir para reflexão sobre a formação dos alunos da Escola de Saúde". Não há riscos consideráveis, exceto o de mobilização psicológica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trata de tema relevante para a construção da identidade profissional do enfermeiro e pretende explorar uma relação pouco investigada, à medida que insere no debate o militar como contraponto, no lugar do médico, que é comumente "quem" figura nesse tipo de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios encontram-se de modo adequado à Resolução 196/96, conforme atesta o parecer do relator.

Recomendações:

Não

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após atendimento das demandas apontadas pelo CEP, o projeto encontra-se em condições de seguir a campo, para o pleno desenvolvimento de suas etapas seguintes.

RIO DE JANEIRO, 12 de Abril de 2012

Assinado por:

Andre Vianna Dantas

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

O Sr está sendo convidado para participar da pesquisa **intitulada:** Entre a Caserna e o Hospital. Uma reflexão sobre a identidade profissional dos alunos do curso técnico em enfermagem da Escola de Saúde do Hospital Naval Marcílio Dias , que tem como **objetivos:** construir uma reflexão acerca da identidade profissional dos alunos do curso de enfermagem. Você foi selecionado aleatoriamente e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A pesquisa terá duração de 6 meses, com o término previsto para dezembro de 2012.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois serão utilizados pseudônimos para caracterizar os sujeitos de pesquisa. Além disso, os dados coletados serão utilizados apenas **nesta** pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um roteiro de entrevista gravada em meio digital, em local e horário a ser definidos de acordo com sujeito e pesquisador.

Não haverá nenhum prejuízo para aqueles que optarem por desligar-se do estudo, uma vez que é voluntária a participação. Os riscos aos participantes não são consideráveis, e envolvem apenas alguma possibilidade de mobilização psicológica.

As gravações assim como as transcrições ficarão sobre a guarda da pesquisadora, este material será arquivado de forma a garantir acesso restrito a pesquisadora envolvida, e terá a guarda por 01 ano, quando será incinerado.

O Sr não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras.**

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone/e-mail e endereço institucional do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Orientador: Júlio César França Lima
EPSJV/FIOCRUZ. End: Av.Brasil,4365, Manguinhos.
Telefone: 38659754 .
e-mail: jlima@fiocruz.br

Pesquisador: Sabrina Ferreira Pereira
Telefone: 82796100.
e-mail:binapereira@gmail.com

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e entendi os objetivos, riscos e benefícios estando de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____

(assinatura)

Rubrica pesquisador

Rubrica do sujeito da pesquisa

Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz – Avenida Brasil, 4365 – Manguinhos – EPSJV, sala 316 /
Tel.: (21) 3865-9710 – email: cep@epsjv.fiocruz.br.